BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

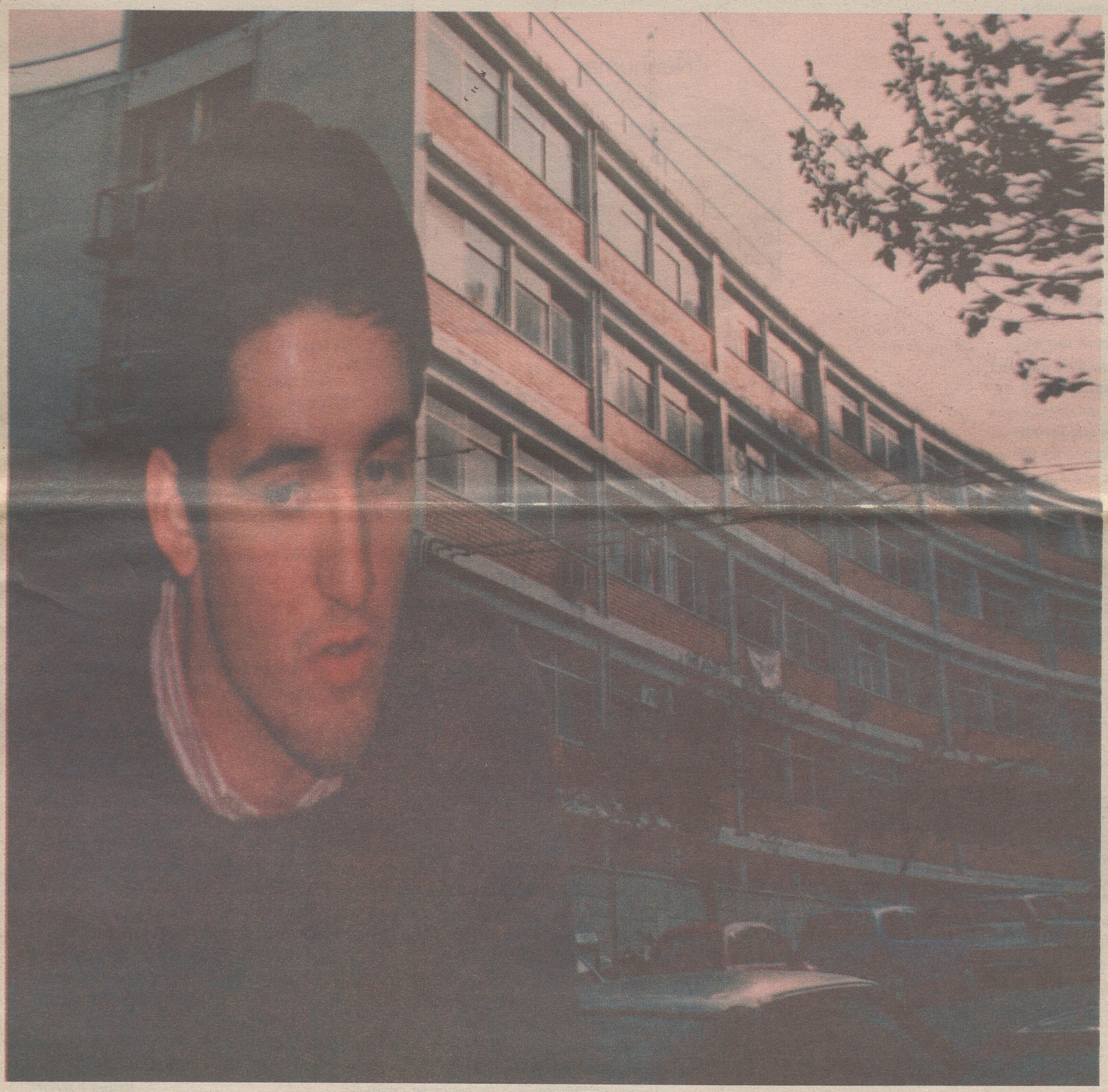
Jornal Universitário de Coimbra

A CABRA

DOM

Nº53 2 de Dezembro de 1999 **Quinzenal** **Director:**Bruno Ferreira **Director Adjunto:**Fernando Nunes
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

O novo Presidente



Humberto Martins é o novo presidente da DG/AAC, sucedendo, deste modo, a Hugo Capote. Com uma vitória assegurada por larga vantagem, o cabeça de lista do projecto V prepara–se para um ano laborioso, prespectivando–se vários desafios para os quais será pedido trabalho e poder de mobilização.

Inquérito

Os estudantes e a Academia

Novembro significa parar para pensar e votar para a DG/AAC. Neste mês de mudanças, A Cabra inquiriu um universo de estudantes sobre a importância desta instituição e a relação de cada um com a sua Associação.

Páginas 2 e 3

Desporto

As Secções vistas à lupa

A Associação Académica de Coimbra é reconhecidamente um dos mais importantes pólos de prática e divulgação desportiva. A Cabra faz uma radiografia daquele que é o maior clube de desporto amador do país.

Página 14 e 15

Fotografia

O adeus a Macau

Dia 19 de Dezembro dar–se-á a transição do território de Macau para administração chinesa. Aproveitando este facto, Pedro Medeiros apresenta um trabalho para os mais nostálgicos guardarem como recordação.

Páginas centrais

"A Cabra" realiza inquérito aos sócios da AAC

Tudo sobre a minha ....

Para 49% dos estudantes a Associação Académica de Coimbra tem alguma importância na sua vida estudantil. Esta é uma das primeiras conclusões que podemos retirar do inquérito que A Cabra decidiu realizar com o intuito de avaliar o estado da relação dos universitários com a AAC. Para tal inquirimos uma amostra de 501 estudantes representativa dos 22931 estudantes da Universidade de Coimbra.

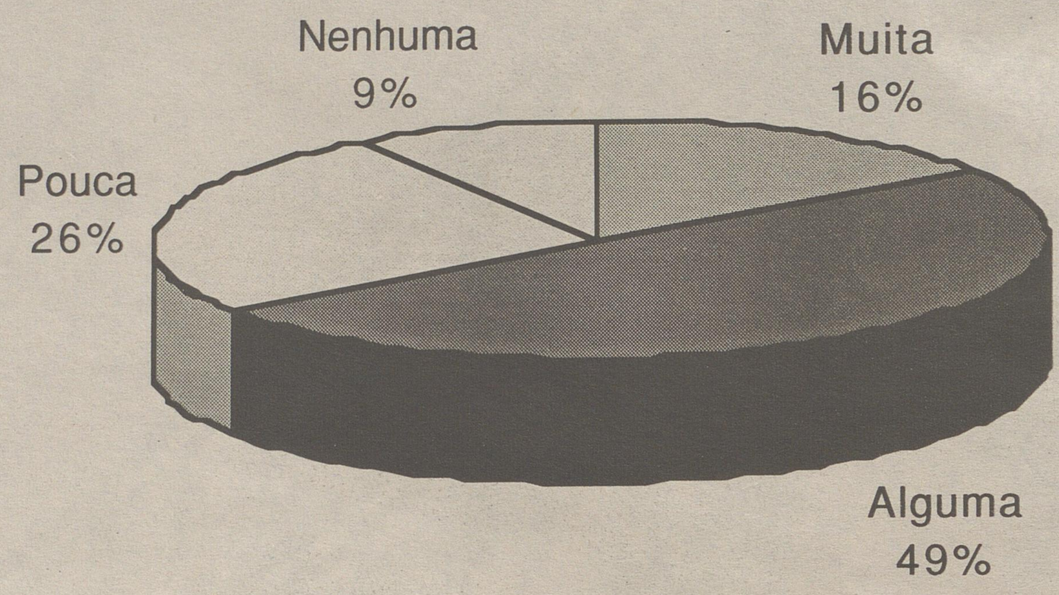
Tendo por base o número de alunos matriculados no ano anterior, 22931 de acordo com o Prospecto da Universidade de Coimbra-1999/2000, os 501 inquéritos foram distribuídos proporcionalmente por cada uma das oito faculdades. O objectivo deste estudo foi procurar saber qual a relação dos estudantes com a Associação Académica de Coimbra (AAC), seus orgãos, núcleos e secções.

A importância da AAC

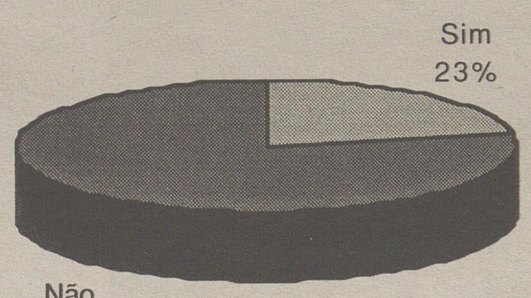
Partindo então para uma análise aos resultados e comparando as respostas às duas primeiras perguntas ("Qual a importância da AAC na tua vida estudantil?" e "Costumas participar ou já participaste nalguma actividade da Direcção Geral/Secções/Núcleos?") logo nos apercebemos de uma certa discrepância entre o facto de apenas 23% participarem nas actividades da AAC e o facto de 49% dos inquiridos lhe atribuírem alguma e 16% muita importância.

Ao percorrermos as razões que levam os estudantes a não intervir nas acções da Associação Académica as que mais peso têm são a falta de tempo (39%) e o desconhecimento das referidas acções (36%). Talvez a falta de tempo resulte do facto de a maioria dos estudantes terem apenas a ideia de tirar o seu curso dentro do tempo previsto, preterindo assim as actividades extra–curriculares em relação aos estudos. Outra situação que poderá aumentar esta falta de tempo, na medida em que vai "apressar" os estudantes a terminar os seus cursos, é a iminente regulamentação do estatuto do estudante elegível. No mesmo sentido talvez devamos imputar esta desconexão a uma certa falta de infraestruturas uma vez que será bastante difícil albergar no edifício todos os que pretendem ter uma participação activa.

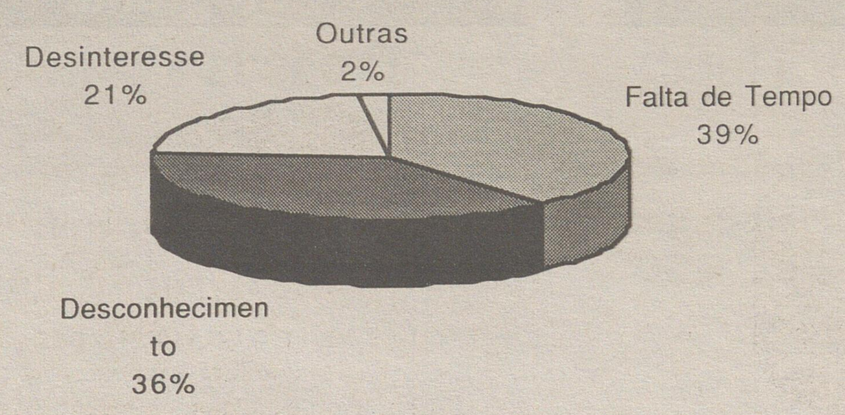
Qual a importância da AAC na tua vida estudantil?



Costumas participar nalguma actividade da DG, núcleos ou secções?



Porquê?



Quanto à questão do desconhecimento das acções associativas, não podemos deixar de nos interrogar se ele é motivado pela falta de vontade dos estudantes, se é devido a má ou insuficiente divulgação das referidas acções. A este desconhecimento poder–se-á talvez juntar uma questão de atitude por parte dos 21% de inquiridos que mostram desinteresse, que poderá reflectir uma preferência por outro tipo de actividades que não as propostas pela AAC.

A política académica

Um dos factores através dos quais podemos tirar conclusões àcerca da vivência dos estudantes é o de saber se costumam participar nos actos eleitorais académicos e até que ponto o fazem com a consciência das opções que tomam. Precisamente com esse intuito, A Cabra perguntou–lhes: "Costumas votar nas eleições da AAC?", "Sabes quem é o actual presidente da DG/AAC?" e "Sabes quem são os candidatos a presidente da DG/AAC?".

Em relação à participação nos actos eleitorais em si é de salientar a elevada percentagem de alunos que afirmam votar (73%).

No que concerne ao conhecimento dos estudantes em relação a quem preside à Associação Académica de Coimbra, a grande maioria dos inquiridos (77%) respondeu positivamente. Este número talvez tenha a ver com a mediatização do próprio presidente e com a divulgação e debate de ideias das eleições no ano em que aquele foi eleito.

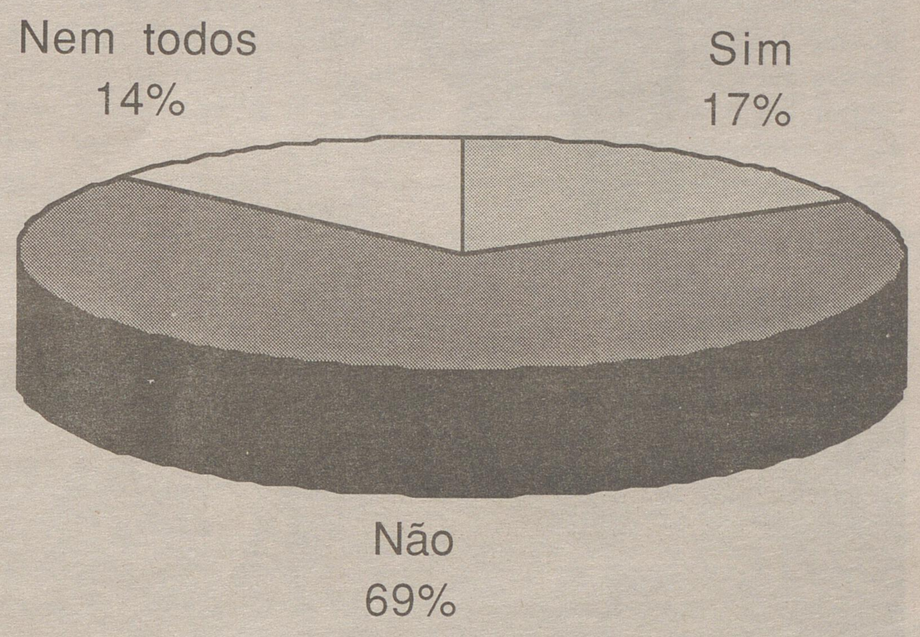
Quanto a saber o seu grau de conhecimento acerca dos candidatos deste acto eleitoral podemos verificar que a larga maioria dos estudantes não sabia (ainda ou em absoluto) em quem iria votar. Talvez possamos imputar esta situação quer ao facto de não ter havido uma campanha movimentada quer ao próprio facto de Hugo Capote não se ter recandidatado, amenizando assim a luta pelo seu cargo e defraudando a maioria dos estudantes que esperava uma recandidatura.

Em suma, e fazendo uma análise geral dos resultados obtidos, salta–nos à vista o facto de existir um afastamento entre os estudantes e a sua Associação Académica. Porém, resta saber se de momento existem possibilidades físicas e logisticas para acolher e ocupar os estudantes e para os mobilizar, cativando–os para a participação na vida académica.

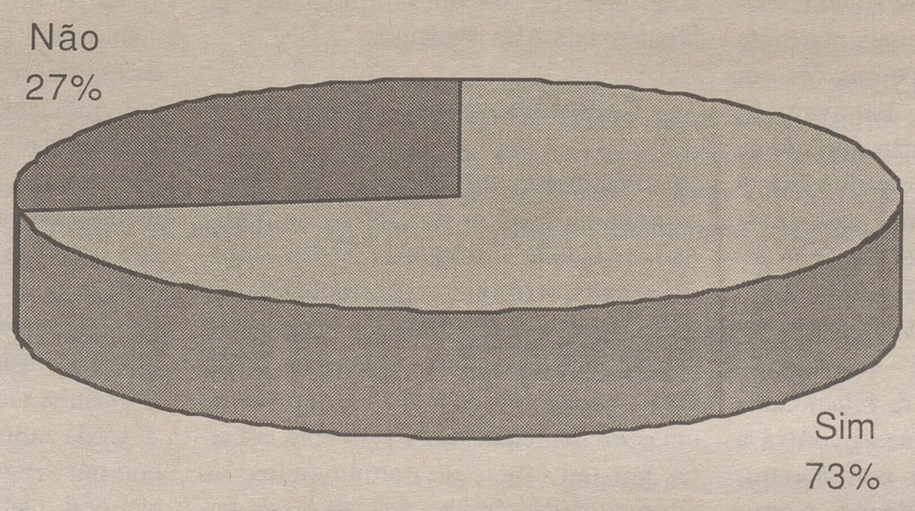
Bruno Ferreira
Pedro Correia

Associação Académica

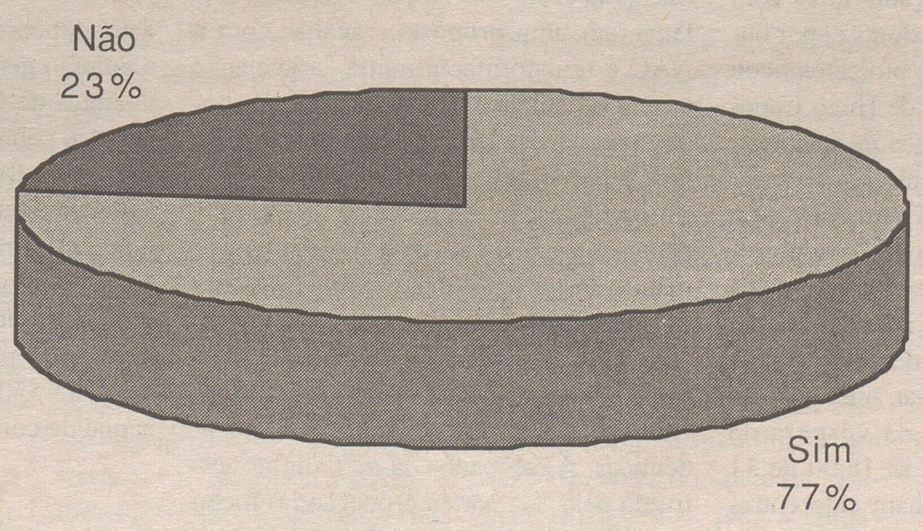
Sabes quem são os candidatos a presidente da DG/AAC?



Costumas votar nas eleições da AAC?



Sabes quem foi o anterior presidente da DG/AAC?



EDITORIAL

por Bruno Ferreira

A partir dos resultados deste inquérito permitam–me efectuar duas observações: se por um lado nos devemos dar por satisfeitos pelo facto de 65% dos inquiridos darem uma importância positiva à AAC (16% dão muita e 49% dão alguma), por outro não podemos deixar de nos questionar porque é que 35% dos associados da AAC lhe dão nota negativa. Será porque não se conseguem afastar por momentos dos afazeres do curso ou porque não têm condições para a prática de actividades associativas? A meu entender, isto deve–se a ambas as razões sendo que tem mais peso o alheamento dos estudantes.

Ao tentarmos encontrar formas de solucionar (se é que existe solução possível e acreditando que não é utópico pensar que conseguimos mudar certas atitudes) esta incapacidade que a AAC tem de cativar as hostes estudantis, temos de primeiro encontrar os principais problemas que a assolam ou reflectir sobre questões que a interpelam, antecipando o seu futuro mais próximo.

Em primeiro lugar, existe uma gritante falta de espaço no edifício em que a AAC está sediada e há inclusivé novas secções e agregações de estudantes que ainda não encontraram o seu espaço ou esperam irremediavelmente por obtê–lo. Daí que não seja de pôr de parte a acquisição do quartel de bombeiros da Avenida Sá da Bandeira, propriedade da Câmara Municipal, e que cumpriria desta forma a melhor função em termos de dinamização do lugar em que se encontra. Depois penso que é necessário encetar uma profunda reflexão acerca das àreas que mais preocupam os estudantes e nas quais sentem mais necessidades.A Associação Académica de Coimbra deve ser um pólo mobilizador e interpelador da sociedade mercantil actual em que vivemos.

No entanto, resta saber porque é que nem todos esses 65% para os quais a AAC tem uma importância positiva costumam participar nas suas actividades. Uma das respostas que poderemos encontrar ao dissecarmos esta situação poderá ser o facto de muitas pessoas verem a AAC apenas como produtora de bens por elas consumidos, isto é, vêem peças de teatro do TEUC, do CITAC, e do GEFAC, ouvem a Rádio Universidade de Coimbra, lêem "A Cabra" e vão às festividades académicas: Latada, Queima das Fitas, Tomada da Bastilha, etc.

Deste modo e se dermos como fiáveis os rumores que apontam para que existam apenas cerca de 12 mil estudantes efectivos (que frequentam as aulas e fazem exames) e atendermos também ao facto destes inquéritos terem sido na sua maioria feitos nas faculdades o universo de estudantes a inquirir torna–se menor. Assim os resultados são também menos negativos visto que certamente a maior parte dos cerca de nove mil estudantes não efectivos sentiriam ligações menos fortes com a AAC.

Em conclusão, urge criar um fórum de reflexão que se debruce sobre as consequências que terá a regulamentação do estatuto do estudante elegível e que encontre soluções para que esta continue a ser uma grande casa, melhorando-a o mais possível no sentido da quantidade de produção e sobretudo da qualidade da sua acção.

Direcção Geral com novo presidente

Receita para a AAC?

Humberto Martins é o Presidente da Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra(DG/AAC), eleito com uma grande vantagem sobre André Pestana. O estudante de Farmácia vai enfrentar um ano de mandato laborioso sob a égide do fantasma do estudante elegível.

Às três horas da madrugada do dia 24 de Novembro, numa extraordinariamente desanuviada cantina dos grelhados, oficializou–se aquilo muitos esperavam e vaticinavam: Humberto Martins, cabeça de lista do projecto V era o novo presidente da DG/AAC, sem necessitar de uma segunda volta, sucedendo, deste modo, a Hugo Capote.

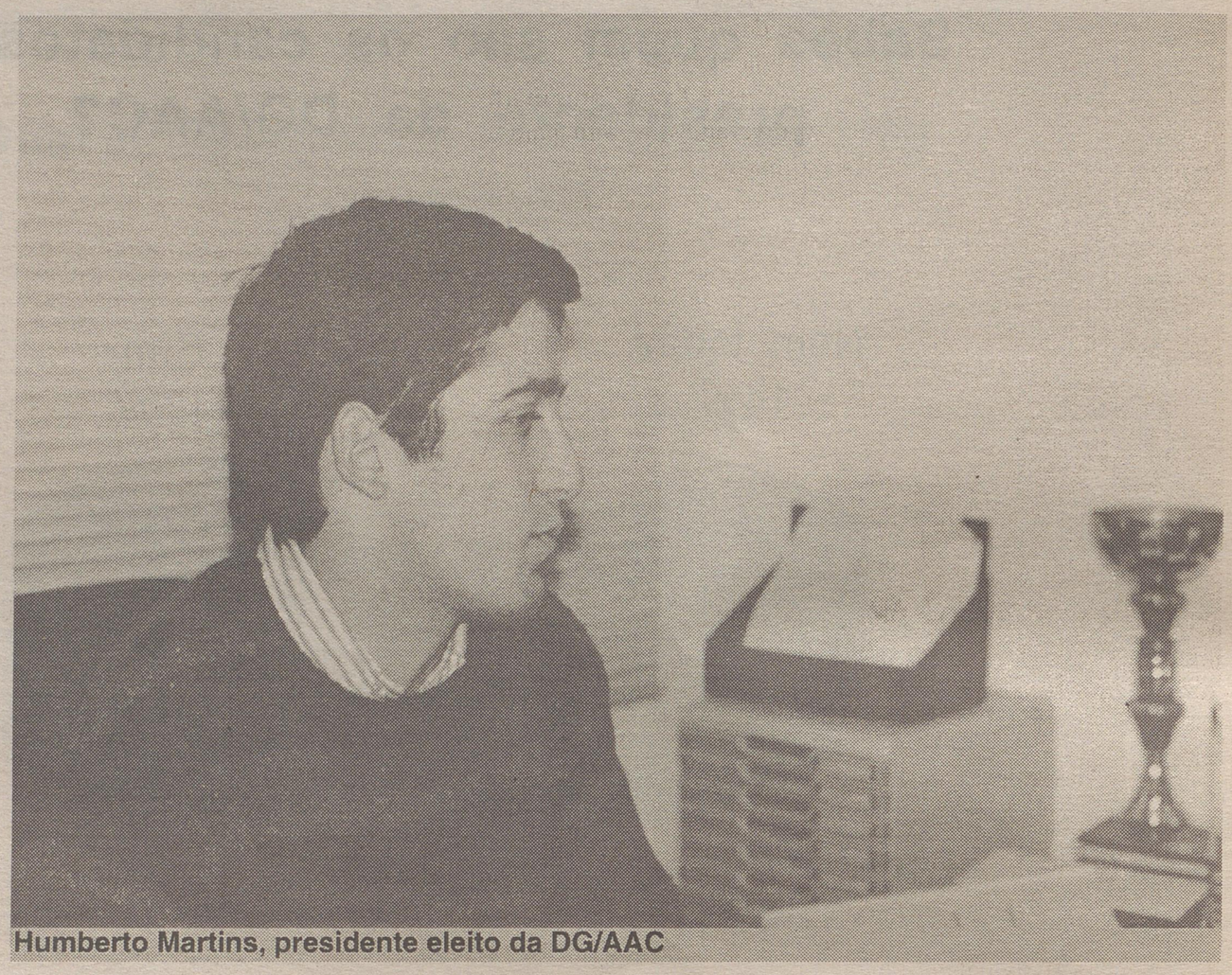
"É a concretização de um sonho, o reconhecimento do empenho com que sempre defendi a AAC."- foi com estas palavras que Humberto Martins reagiu à noticia da sua vitória. "A primeira coisa a fazer é reunir, fazer o levantamento dos problemas e carências da Academia e começar a trabalhar". A vitória da lista V (3190 votos contra 731 da lista A) acaba por ser, para muitos, a vitória dos núcleos. De facto, o estudante de Farmácia acabou por constituir uma lista onde a ligação aos núcleos acabou por ser um facto bastante importante e, para os ditos analistas, decisivo. Eleitos pela lista V foram ainda Nuno Marques Pereira, estudante de Direito como Presidente da Assembleia Magna e Torcato Paredes de Engenharia Electrotécnica para a presidência do Conselho Fiscal(CF) conjuntamente com mais três elementos da lista vencedora. A candidatura A, por sua vez, conseguiu a eleição de Raquel Varela da faculdade de Direito para o CF

Com a tomada de posse agendada para as primeiras semanas de Janeiro, esta equipa tem pela frente vários desafios que prometem revelar–se como importantes testes para esta DG. "A maior prioridade é o contacto diário com estudantes". No que diz respeito à badalada questão da Política Educativa, a lista vencedora depara–se perante a nova equipa governativa com duas questões importantes: a primeira prende–se com a situação actual da luta estudantil a que não deverá ser alheia a entrada de um novo ministro da educação; a segunda questão relaciona–se com a resposta, e também qual a forma de contestação assumida, à mais que eventual entrada em vigor do regulamento do estudante elegível. Relativamente a esta última questão, o novo presidente mostra–se bastante crítico, prometendo ,desde logo, que será um dos pontos em foco durante o mandato. Embora não haja uma existência efectiva de um Pelouro dedicado à Política Educativa (facto que valeu a Humberto Martins fortes críticas), esta questão será, e ainda segundo Humberto, tratada com um grande grau de responsabilidade e determinação pela nova DG. E quanto à famigerada lei adianta ainda "que vamos continuar a pugnar pela revogação desta lei, já que ela, claramente, não nos serve. É, no entanto, necessário repensar a estratégia da luta".

As várias etapas

No entanto, outras questões surgem como de importância capital à entrada da nova equipa para a DG. Questões como o remobilizar do movimento associativo, a regulamentação do conselho cultural ou mesmo o problema de atribuições e competências dos vários organismos envolvidos na organização da Queima das Fitas, prometem ser assuntos a receber mais atenção por parte da equipa liderada por Humberto Martins. Em termos internos, Humberto refere que a aposta vai para um maior entrosamento com os núcleos e com as secções culturais e desportivas, enquanto que a nível externo, a maior preocupação vai para a anteriormente referida questão do estudante elegível.

Se quanto ao movimento associativo, a nova DG apresenta a ligação aos núcleos e a recem criada provedoria do estudante como propostas para cativar os estudantes e para promover uma maior ligação à AAC, relativamente às restantes questões fica–se à espera do que o tempo nos trará, já que da campanha pouco de concreto transpirou para fora.



Humberto Martins, presidente eleito da DG/AAC

Sem Capote

A não recandidatura de Hugo Capote acabou por ser o facto mais marcante da pré–campanha com repercussões em todo o processo eleitoral. Faltavam 15 minutos para o fim do prazo de entrega das listas para a DG e Conselho Fiscal quando Hugo Capote numa Conferência de Imprensa anunciava que não se ía recandidatar. As razões invocadas pelo ainda Presidente da DG/AAC foram de duas ordens " uma pessoal - vou ser médico e não político; e outra relacionada com o sistema em que se encontra a AAC", afirmou, desiludido com a estrutura das direcções gerais. Segundo o estudante de medicina não é possível realmente transformar o sistema da AAC e, portanto, " não posso pedir aos meus colegas o sacrifício de mais um ano" desabafou . O "timing " escolhido para a decisão acabou por, segundo alguns analistas, impossibilitar a existência de mais listas para a Asssociação Académica. Por um lado não surgiu uma lista de continuidade do mandato de Hugo Capote, tal como tem acontecido nos anos anteriores com dissidentes de listas vencedoras e, por outro, a existência de outros projectos ficou condicionada pelo "tabu" de Hugo Capote. Um dos pré–candidatos desistentes , Nuno Vieira, acabou mesmo por recorrer à Comissão Eleitoral(CE) para entregar a sua candidatura já fora do prazo estabelecido, o que lhe veio a ser recusado pelos membros da CE. A única lista que defendeu a inclusão posterior de Nuno Vieira foi a "A" de André Pestana, uma posição que valeu um panfleto na véspera da campanha. Deste modo , às 18:00 de 11 de Novembro apenas tinham sido entregues três listas: a lista A, encabeçada por André Pestana, a lista B, com Nuno Neves como candidato, e finalmente a já referida lista V, com Humberto Martins a comandar.

Depois da abundância de oito candidatos do passado ano, a fartura deu em escassez ; três listas para a DG, sendo uma delas claramente marginal face ao orgão máximo da academia.

Campanha (muito) discreta

O facto mais importante da semana de campamha acabou por ser o de quase não ter havido campanha. Efectivamente, o mais distraído dos estudantes não advinharia que se estava perante uma eleição para os corpos gerentes da AAC. Podia–se mesmo estranhar a limpeza de umas monumentais habitualmente cobertas por um tapete de comunicados, ou mesmo um decréscimo assinalável de faixas pelos vários e vulgares "jardins suspensos" no Pólo 1. O que acabou por despertar mais a atenção nesta pouco debatida campanha foi o teor mais arrojado de alguns comunicados emitidos pela lista B. Na verdade, a lista encabeçada por Nuno Neves conjuntamente com vários républicos da Rua da Matemática chocou as hostes académicas de Coimbra. Sob o polémico lema"Putas ao poder que os filhos já lá estão" os subversivos da lista B lançaram uma proposta - acabar com a AAC e transformá–la numa "associação livre e espontânea de estudantes". O choque passou das palavras aos cartazes de índole pornográfico de crítica ao Ministério da Educação e à Direcção Geral. Aspecto curioso foi o facto de alguns dos manifestos terem sido retirados na íntegra de uma campanha de uma lista B dos anos 80. O outro projecto que saíu derrotado destas eleições foi o da lista A de André Pestana, repetete nestas lides académicas. A campanha da @ (símblo utilizado pela "A" para a propaganda) focou essencialmente aspectos da política educativa: o não às propinas , ao estatuto do estudante elegível e à Lei de Financiamento foram o as bandeiras levantadas. Outra das propostas que vinham já da Lista S do ano passado foi a defesa da representatividade proporcional das listas concorrentes na Direcção Geral. De resto a campanha da lista A centrou–se num manifesto e programa eleitoral no qual a defesa do ensino gratuito e universal e a reinvindicação de um papel interventivo na sociedade por parte dos estudantes (pretensão à qual não é estranha a inclusão de um pelouro da intervençaõ cívica) foram os pontos fortes. O certo é que a dinâmica da campanha da lista a não chegou à do projecto S do ano passado. A lista V, a candidatura vencedora, fez uma campanha morna e sem grandes alaridos. A tenda montada no Largo D.Dinis acabou por ser o "ex libbris" da propaganda eleitoral que se cingiu a alguns panfletos e a um programa eleitoral em formato livresco que abordava aspectos gerais da Academia. A criação da provedoria do estudante foi a novidade avançada pela lista de Humberto Martins, uma lista que inclui elementos dos Núcleos de estudantes de várias Faculdades. Aliás, esta ligação aos núcleos acabou por ser um dos pontos mais focados pela lista nos seus comunicados e a sua optimização promete ser um dos desafios deste mandato. A pobreza da campanha eleitoral foi a opinião generalizada da maioria dos estudantes de Coimbra. De resto, pouco se debateu sobre a Academia, não se tentou (ou pelo menos não se notou) chegar àqueles estudantes mais alheados destas lides, informando–os e procurando saber as suas procupações.

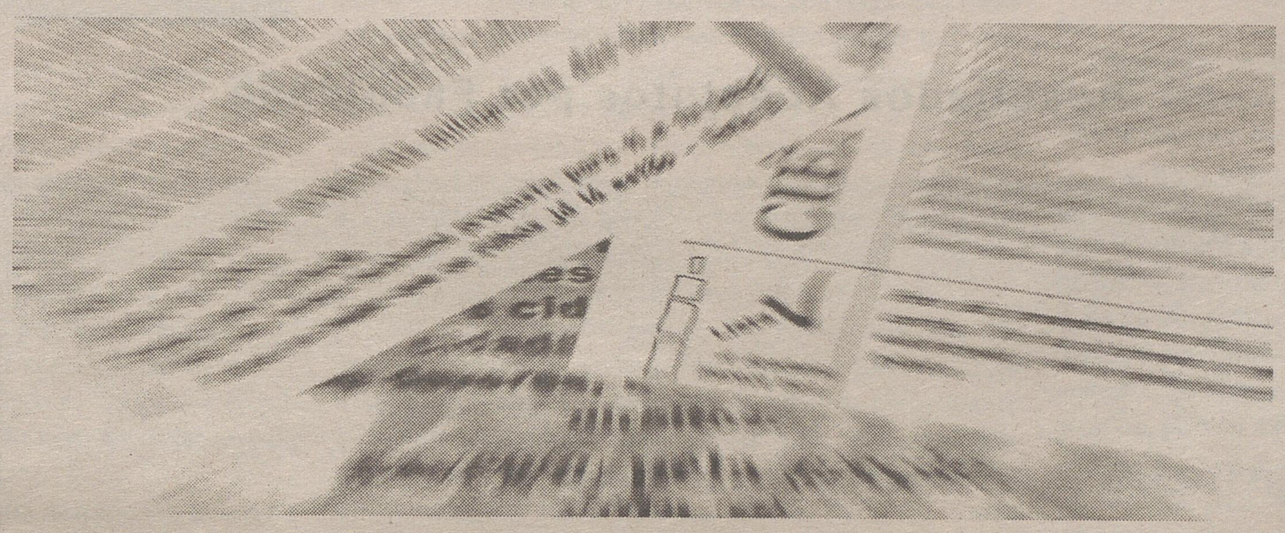
Acaba por ser, no entanto surpreendente que perante isto, tenham havido cerca de 5500 votantes. Perante o estado actual de coisas, já é uma grande vitória.

Sérgio Alves
José Carlos Santos

Crónica de uma campanha passada

Iniciam–se os contactos durante o ano. Mantém–se o sigilo. Organizam–se as individualidades e apresentam–se as listas. Marcam–se as eleições (este ano para 22 e 23 de Novembro). Iniciam–se as hostilidades e apresentam–se as ideias gerais e os motivos pelos quais os dirigentes pensam ser possível convencer a massa estudantil a votar nos mesmos. Começa, assim, a parte mais interessante de todo este processo evolutivo que dá pelo nome de Eleições para os Corpos Gerentes da Associação Académica de Coimbra, muito conhecida entre os estudantes como "eleições para a DG". É uma altura bastante interessante de apreciar, se nos perfilarmos neutralmente, não só pelo emergir de novos vectores estéticos, como também ou ainda mais, pela capacidade de mobilização dos indivíduos.

Este ano estiveram directamente envolvidos nas "eleições para a DG" três listas: a Lista A, com o lema "Naveg@ pel@ acção", a Lista B, com o mote " Putas ao poder que os filhos já lá estão!" e a Lista V, " A Academia merece mais!". Situemo–nos neutralmente: esperava–se com estas divisas que a campanha fosse agitada e bastante motivadora. Mas não o foi! O tempo disponibilizado para a campanha foi o mesmo que nos anos anteriores (uma semana), mas nem por isso ouve momentos altos como é apanágio de uma campanha para eleições estudantis. Ressalve–se a participação da lista B. Este colectivo de estudantes pró–revolução (seja ela qual for..) usou e ousou usar frases pragmáticas e irreverentes, a fugir para a "ordinarice", utilizando conceitos brejeiros do quotidiano e do calão mais refinado, mas bem empregues. Repare–se: " Putas ao poder que os filhos já lá estão!" é uma ideia que sonoramente resulta em grande. A construção frásica é básica e permite "perdoar" a primeira palavrinha. Quando se lê ou ouve, aqueles que criticam, concordam e nem se sentem muito ofendidos. Talvez se possam ter ofendido após terem lido o célebre comunicado " masturbem–se e votem em nós" durante o qual o(s) autor(es) do panfleto se dirigem abusivamente ao leitor (não ao estudante comum), mas quem não se deliciou com as BD's apresentadas por estes mesmos. Quer se queira ou não, o Bom e o Mau estudante ali estiveram retratados. Coube ao apreciador desse tipo de arte identificar–se (ou não) com os dois géneros apresentados. Ridendo castigat mores afirmou–se em tempos... o que não é mentira nenhuma.



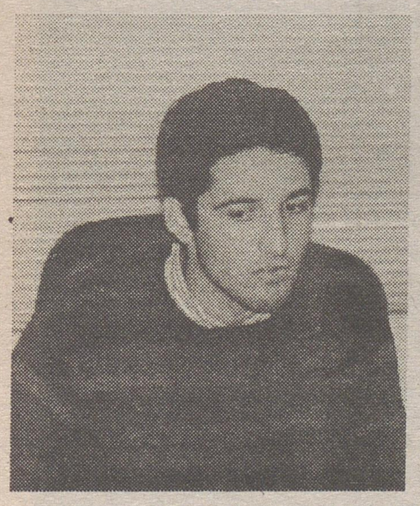
Analisemos a perspectiva da Lista A. Engraçada a alusão ao tema do momento: a internet. Navega na internet, Naveg@ pel@ @cção. Com um grafismo que nos faz pensar onde já o vimos anteriormente, o projecto A apresentou–se aos estudantes como um grupo pensante sobre os problemas da Academia, fazendo uma resenha das situações mais flagrantes. Um projecto de ideias sólidas que por vezes dá vontade de activar, aludindo à controversa proposta do interruptor (On -@; Off- V e B). Ideias há muitas pensará o leitor, mas socorrer–nos–emos de um panfleto que versa sobre a Faculdade de Direito. Bem estruturado (apesar da mancha tipográfica ser algo densa), com uma reflexão de Roger Vailland, o texto flui através de um alerta consciente dos problemas mais flagrantes de uma faculdade desactualizada e termina com quatro chavões típicos: mais isto, o fim daquilo, exigimos também isto e mais aquilo. Perdoem–me os elementos da lista A mas isso já toda a gente sente e sabe. Os estudantes exigem soluções.

Analisemos agora a campanha da Lista V. Sem inovar, os membros desta lista apostaram num método "antigo" sem mudar um único ponto. Quer dizer, unicamente não se procedeu à policopiagem maciça e consequente distribuição desenfreada pelo incauto estudante. Não! Optou–se por afixar o organigrama em algumas paredes (Ei! Conheço este!) e também o programa eleitoral. Quanto a este apenas duas palavras: insípido e repetitivo (muito...). Ideias novas precisam–se! Urgentemente. Não é que os problemas tenham desaparecido. Mas, por favor, inventem–se novas formas de exigir a sua solução. E já agora, permitam–me uma advertência a estes elementos: o grafismo utilizado pareceu–me algo... usado. E esse facto transpareceu bastante.

Não me irei referir aos debates promovidos pela RUC. Com a devida consideração àquela estação, não o farei porque tenho em mente alguns estudantes. Se os considerar uma amostra válida da academia, não me parece que esses debates tenham resultado por aí além. Contudo, apesar de uma campanha honestamente fraca, as eleições até foram bastante participadas, o que nos leva a pensar que um processo eleitoral deste cariz nunca é ganho pelas ideias ou formas de as apresentar. Determinante será... o "boca a boca"? As relações de amizade? Ou haverá um factor externo, constante, que determine à partida o resultado final, condicionando a livre apresentação de ideias arrojadas mas bem pensadas? É que não me parece muito certo que mesmo que apareça um projecto com uma mega campanha, bem alicerçada e estruturada,que esse movimento ganhe pelo que apresentou. Quase se impõe que durante a formação de uma lista se considerem as pessoas não como indivíduos mas sim como pólos atractores de votos.

Bruno Vale

Biografia de um Presidente



Humberto Martins, quintanista de Farmácia de 22 anos, é o novo Presidente da Associação Académica de Coimbra. Não sendo daqueles que corre para o colo da mamã quando é contrariado, no entanto, vê a família como o pólo alicerce concentrador de energias.

"A Cabra" para saber com que sabores é cozido o novo presidente, almoçou com ele...

De sua graça Humberto Alexandre Marçal Tomás Martins,o novo dirigente associativo veio ao mundo no dia em que nasceu o notável Miguel Torga (obviamente uns anos antes), 12 de Agosto de 1977.

É natural de Aguada de Baixo (Águeda), mas devido ao facto do seu pai trabalhar em Vagos, todo o seu percurso escolar foi feito nesta cidade.

A Faculdade

"A escolha do curso de Farmácia prende–se ao facto de este ser um curso muito abrangente. Tem cadeiras desde Matemática a Direito, desde Biologia a Deontologia". A sua primeira escolha foi Medicina, mas " há males que vêm por bem, por isso fiquei em Farmácia, o curso é muito cativante". Dá–se bem com os professores mas considera que este ano "faltar às aulas vai ser quase um imperativo". Para ele a época de exames é uma época de descontração uma vez que pode pôr de lado as actividades extra–curriculares e concentrar–se apenas nos estudos. Todavia "não deixa de haver alguma pressão porque tenho de fazer em 5 ou 6 semanas aquilo que não faço ao longo do ano".

Academia

Foi caloiro no ano 95/96, sendo este seu 1º ano muito marcante. Entrou para a equipa de Zita Henriques no seu 2º mandato, começando por colar cartazes e pendurar faixas. Passou a ser colaborador dos extintos grupos Pedagógicos tendo sido, mais tarde, indigitado para o Núcleo de Farmácia. Já no mandato de António Silva pertenceu ao Gabinete de Apoio aos Núcleos.

Preside desde Maio de 1998 ao Núcleo de Estudantes de Farmácia, tendo suspendido o seu mandato antes do início da campanha, deste ano, para a Direcção Geral.

É igualmente Presidente da Associação Portuguesa de Estudantes de Farmácia desde que esta foi criada, terminando o seu mandato já no próximo dia 10 de Dezembro, um ano depois de ter tomado posse.

Foi tesoureiro do First IPSF (International Pharmaceutical Student Federation) Scientific Simposium, que decorreu entre os dias 3 e 7 de Novembro de 1998.

Dia 5 de Janeiro toma posse como Presidente da DG/AAC achando que deve ter como função "ser um gerador de consensos". Do actual Presidente, Hugo Capote, diz: "Pessoalmente acho-o uma pessoa afável, cativante, tenho muita consideração por ele".

Da Lusa Atenas quer "levar os bons amigos, os bons momentos, a aprendizagem cívica..."

Morada: Numa casa com mais 9 estudantes, junto à Praça da República, "Somos a malta do 3! A vivência é ao estilo comunitário."

Noite: "A noite em qualquer lado"

Bebida: cerveja preta e "moranguitos" (durante a Queima)

Jantaradas: "Com os amigos"

Música: "Essencialmente portuguesa"

Cinema: "Não me lembro do último filme que fui ver"

Desporto: "Fui federado em Andebol pela ARCA, em Águeda, como ponta esquerdo". Praticou, igualmente, natação e BTT.

Clube: "Desde pequeno que sou da Académica"

TV: "Documentários que passam na TV Cabo às 3 da manhã"

Rádio: TSF ou zapping pelas outras estações

Jornal: Vários com especial atenção ao DNA

Último voto: "O voto é se-

Os resultados

Mais de três mil estudantes decidiram eleger Humberto Martins para a presidência da DG/AAC. Dos 5088 votantes 66,7% escolheram a lista V, 15, 2% optaram pela lista A e apenas 4,1% escolheram a Lista B.

A lista V obteve a maioria absoluta de 66,7% dos votos expressos nos dias 22 e 23 de Novembro do mês anterior. Para além deste facto o número que mais sobressai é a percentagem de 77,5% de abstencionistas num universo de 21369 eleitores.

As listas mais votadas, V e A, obtiveram respectivamente 3199 e 731 votos num universo de 5088 votantes. Ao obter mais de 50% dos votos a lista de Humberto Martins venceu as eleições numa só volta deixando a segunda lista mais votada a 2468 votos. Apesar destes números a lista A consegui aumentar a sua votação comparativamente ao ano passado em que André Pestana, na altura encabeçando a lista S, obteve cerca de 400 votos.

O número de votantes também baixou em relação às duas voltas do ano passado de cerca de sete mil para cinco mil. Parece também ter havido bastantes pessoas ou indecisas ou que decidiram não optar por nenhuma das três listas pois 545 estudantes (11,4%) votaram em branco. A percentagem de abstencionistas somou-se em 77,5% dos eleitores tendo atingido o seu número mais elevado na Faculdade de Letras.

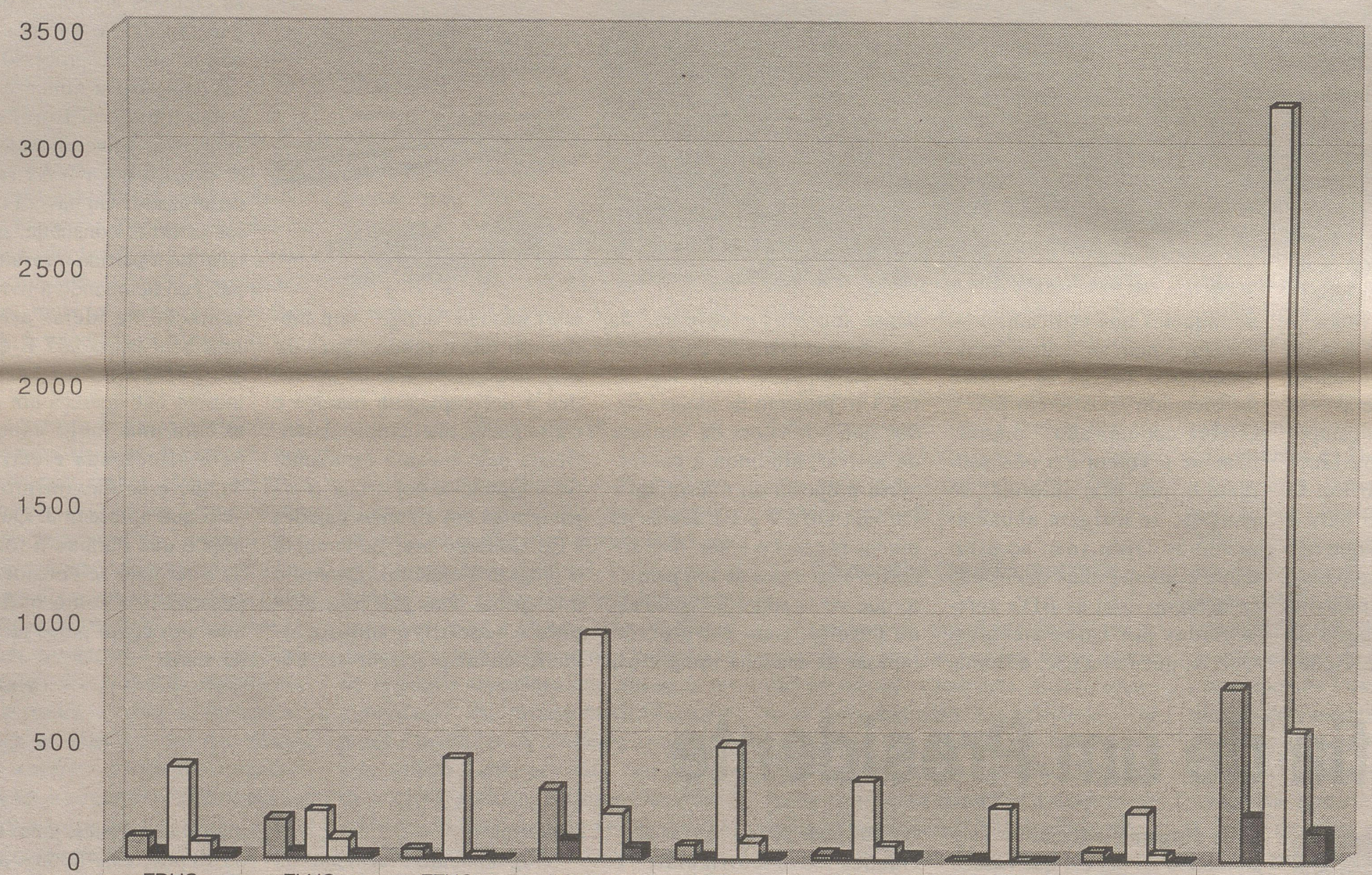
Analisando os resultados por faculdade apenas três se destacam. Em primeiro lugar a Faculdade do candidato ganhador (Farmácia) na qual a lista V obteve 86,9% dos 488 votantes. Percentagem ainda maior foi obtida na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física(FCDEF) na qual a lista V obteve 92% dos votos mas desta vez num universo bem menor de 239 votantes - esta votação em massa já tinha acontecido na segunda volta das eleições do ano anterior. A Faculdade de Letras foi aquela em que a votação foi mais dividida, as listas A e V obtiveram respectivamente 32,6% e 39.8% .

A lista V obteve o seu resultado mais volumoso na FCDEF (92,1%) e as lista A e B obtiveram a sua melhor percentagem na Faculdade de Letras, respectivamente 32,6% e 6,4%.

O Conselho Fiscal será composto por quatro elementos da lista V, e portanto presidido por Torcato Paredes, e por um da lista A.

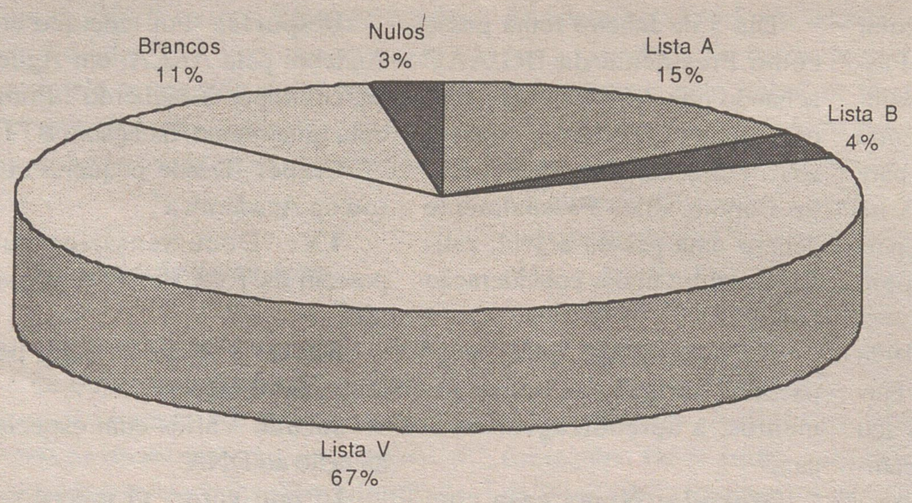
Bruno Ferreira

Resultados Absolutos por Faculdade

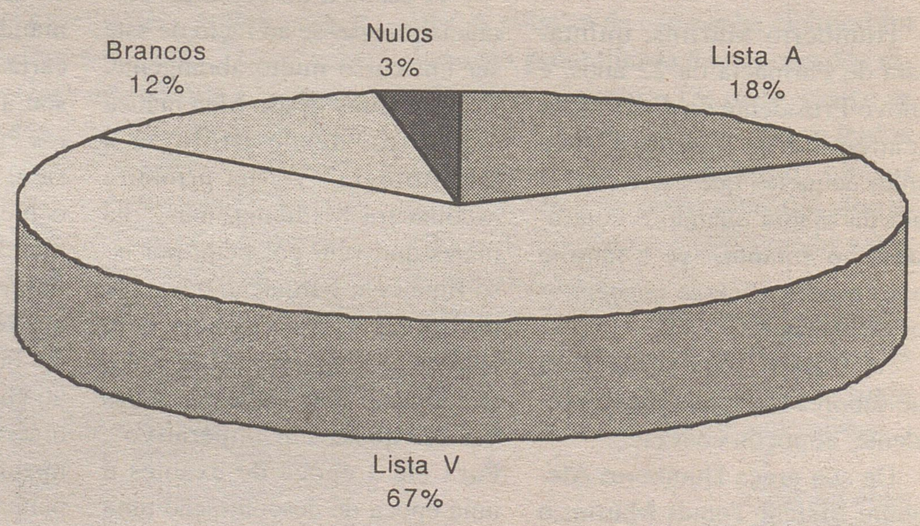


	FDUC	FLUC	FFUC	FCTUC	FEUC	FMUC	FCDEF	FPCEUC	Totais
Lista A	90	167	42	297	64	27	5	39	731
Lista B	26	33	5	81	12	22	8	8	195
Lista V	388	204	424	946	478	330	220	209	3199
Brancos	71	86	12	197	78	63	3	35	545
Nulos	19	22	5	51	10	16	3	2	128

Resultados Totais Direcção Geral



Resultados Totais C. Fiscal



Questões claramente opacas



A publicação pelo Independente do "comício" que o ex–Ministro das Finanças promoveu num restaurante lisboeta levantou várias questões, a menos relevante das quais é a pseudo–questão ética que só o fleumático director do Diário de Notícias se lembraria de suscitar.

Se Inês Serra Lopes ouviu de facto aquela conversa, o que presumo seja verdade, porque não a imagino a iventar tal coisa, fez muito bem publicá–la não só porque a personalidade em causa é o ex–Ministro das Finanças mas, sobretudo porque se trata do ministro que levou o país ao Euro conhecendo bem os meandros da problemática orçamental actual.

Pena é que Sousa Franco tenha descido tão baixo ao ponto de não resistir a uma forma bem rasteira de fazer política, destruindo a grávitas de Homem de Estado que, desde os tempos do Tribunal de Contas vinha construindo. Não que tenha constituído uma surpresa (lembram–se dos chás de Seteais ou da ASDI), mas podia poupar–nos a um episódio tão indecoroso (questão permanente para jovens jornalistas e aspirantes ao ofício: será que o Indy vai recuperar a acutilância de outros tempos?).

Contudo, aquilo que ele terá dito anda na cabeça de muita boa gente (excepto, obviamente os disparates sobre o KGB)

reflexo de uma estranha sensação de deriva que se instalou na vida política portuguesa, fruto de um governo mergulhado no quotidiano mais trivial, sem que se consiga perceber qualquer orientação estratégica. Por exemplo: estamos em Dezembro e as forças agentes da sociedade portuguesa ainda não sabem com que linhas vai ser cozido o Orçamento de Estado do próximo ano. Isto não preocupa só os tradicionais orçamento–dependentes, mas também os investigadores, muito necessitados de saber qual vai ser a orientação do investimento estatal e a carga fiscal que vão suportar. É que, estando nós a viver o drama dos critérios de convergência (não pensem que me esqueci de Amesterdão só que tudo começou antes e não me parece razoável associar uma cidade tão fantástica a tão perfídio tratado), é importante saber onde é que o Governo tenciona desencantar meios (leia–se dinheiro) para tal desiderato. Não sou economista e, talvez por isso, só vislumbro dois caminhos: aumentar as receitas (impostos) ou diminuir as despesas (correntes e ou de investimento).

Isto implica opções políticas cujo mérito não me interessa, por agora, discutir (embora seja um tema dos mais interessantes). Aquilo que me parece preocupante é o alastrar de um discurso anti–político (será mais anti–políticos) que segmenta demasiado as discussões na sociedade portuguesa descansando, as mais das vezes em posições marcadamente corporativistas quando se trata de conseguir algo dos poderes políticos. Não me parece possível discutir seriamente propinas, sistema de saúde ou financiamento da segurança social sem discutir a filosofia subjacente ao tratamento da receita, da despesa do estado (a velha questão dos meios e das possibilidades) e das opções políticas fundamentais que a sustentam.

Num cenário tão vazio e despolitizado parece–me que o futuro pertencerá àquelas entidades, representativas de interesses legítimos, que consigam entrar sólida e coerentemente nesta discussão, compreendendo a "big picture" e não valorizando excessivamente interesses fiscalizados.

A ortodoxia corporativista e a demagogia dos aviões F... qualquer coisa e dos grandes capitalistas, sanguessugas do tecido produtivo, deitam tudo a perder, porque deixam um certo cheiro a enxofre no ar.

Como diz com graça o director deste jornal: "suspeito sempre de alguém que , perante uma pergunta, começa por dizer: a minha opinião sobre esse assunto é muito clara!". O Bruno sintetizou bem o espírito da discussão política actual: o das questões claramente opacas.

Por isso gostaria de lembrar aos novos inquilinos da DG/AAC duas coisas. A primeira é que têm razão em continuar a combater a lei do funcionamento das universidades, mas isso não chega. A segunda é que devem–se preocupar com a crise de legitimidade que a AAC atravessa, resultante do alheamento dos estudantes fruto, na minha opinião, de um excesso de segmentação discursiva.

Empolgar os estudantes para o combate político não é tarefa fácil, mas também ninguém obrigou ninguém a candidatar–se a essa responsabilidade.

Por isso, importa travar um combate pela melhoria das condições de ensino nas universidades, mas com aquele substrato que distingue as boas intenções do entusiasmo em que se fundam as boas causas. Estudem mais os dossiers, aumentem a pressão institucional, organizem movimentos de lobbying, fóruns de debate permanente que chamem a Coimbra a nata do pensamento político, pintem a manta, mas

não fiquem quietos, do alto do púlpito das magnas, cientes das vossas razões, à espera que vão atrás de vós.

Tudo isto é, no essencial, política. Portanto, minhas senhoras e meus senhores, ponham de lado o vosso proclamado horror à política que, ainda por cima, não é genuíno.

Tiago Maranhão

Lançamento do álbum
14 de Dezembro, 18.30h, TAGV

Augusto Pinho
Pedro Araújo
Ricard Ferrand
João Lima
Neto Catritas
Augusto Gomes
Rui Branco Messias
Alexandre Esgaio
Luis Eduardo
Marco Moura
Inácio e Santos
Miguel Furtado
Janito
Sérgio Oliveira



Livraria Especializada
Banda Desenhada Serigrafias



DR. KARTOON
Rua da Manutenção Militar, nº 15
3000 COIMBRA Telefone/Fax: 039-821543

Noites do Parque finalmente em novo espaço

Do outro lado do rio

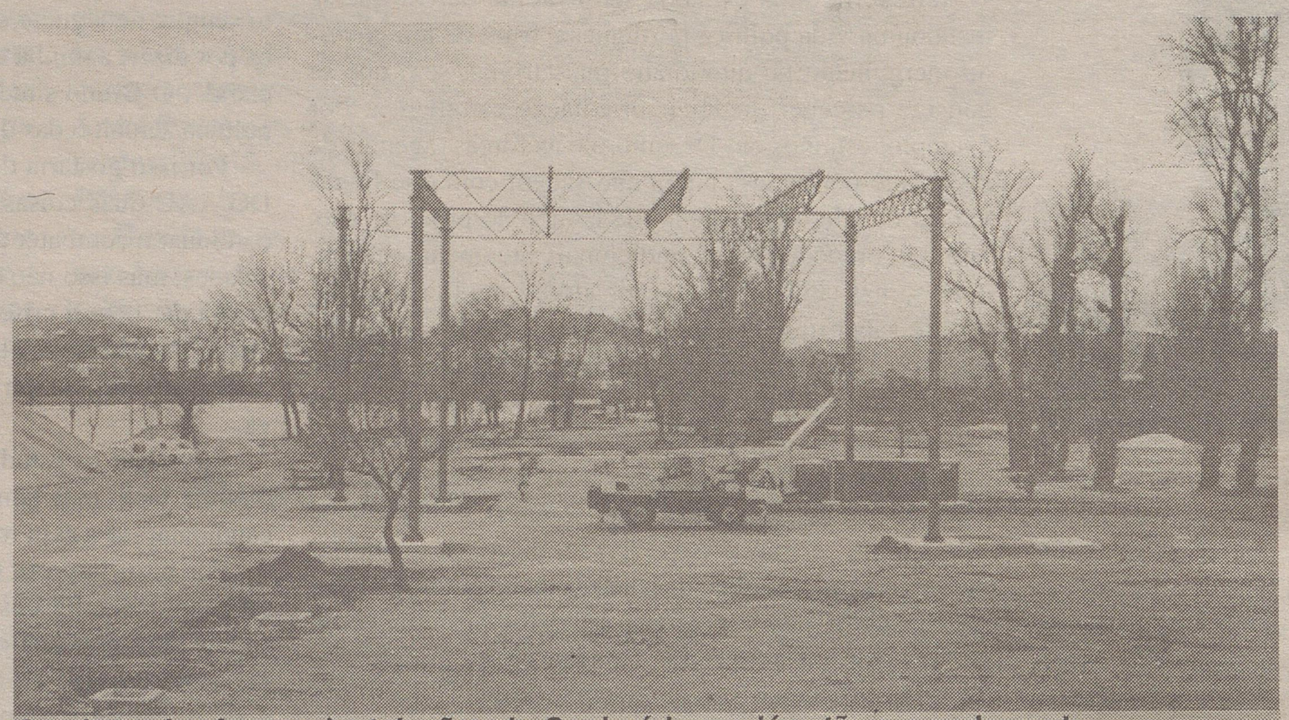
A Câmara Municipal de Coimbra(CMC), no intuito de uma aproximação da cidade ao rio, concebeu um projecto de aproveitamento das zonas ribeirinhas da cidade. Deste modo, está prevista a criação de espaços verdes e multi–funcionais desde a ponte de S. Clara até ao Pólo II.

O projecto prevê a edificação na zona do Choupalinho de uma área destinada a concertos musicais, às festas da cidade e a outros eventos de grande amplitude.E é para este espaço que a CMC pretende transferir as festividades da Queima das Fitas, em substituição do já místico Parque Dr. Manuel Braga. Conhecido no meio estudantil como "Queimódromo", contaremos, em princípio, com um espaço mais amplo e bastante aprazível. As vantagens apontadas pela CMC são não só a redução do incómodo à população como também a beleza do cenário de que o "queimódromo" dispõe: a cidade de Coimbra. Depois de dois debates públicos, as obras foram adjudicadas há cerca de um ano.

O projecto contempla um palco fixo de dimensões bastante superiores ao habitual, possuindo estruturas permanentes para luz e som (o que evitará dispendiosos aluguéis dos equipamentos). Este palco é dotado de uma grande flexibilidade, quer quanto ao tamanho (terá o dobro do tamanho habitual -30 metros de comprido), quer quanto a uma adequação ao tipo de espectáculo apresentado (permitirá subir ou baixar o palco consoante o evento). O espaço reservado à organização, convidados, jornalistas e bandas (backstage) foi também levado em consideração, contando, para isso, com um espaço de maiores dimensões. Em frente ao palco, uma área ampla de saibro, seguida de um extenso relvado, acolherá os espectadores dos espectáculos. Está ainda projectada a construção de um edifício para camarins, além de uma zona comercial em dois outros edifícios.

Relativamente ao restante espaço, há ainda algumas surpresas para quem visite o espaço. Em breve, será construído à beira–rio um longo passeio equipado com bancos e, no futuro, um canal irromperá pelo espaço do "queimódromo", permitindo a entrada de barcos e a realização de desportos aquáticos.

Os acessos foram também contemplados. Transformando a área circundante numa zona pedonal e recorrendo a um sistema de túneis para a circulação automóvel, que será desviada para a futura ponte Europa, o acesso tornar–se-à mais agradável. As zonas mais próximas também foram repensadas: o reaproveitamento do Convento de S. Francisco transformando-o num centro de conferências com capacidade para dois mil lugares , poderá ainda, futuramente, acolher o Baile de Gala (que se tem vindo a realizar no Liceu José Falcão). Este edifício estará também ligado ao "queimódromo" por um amplo túnel subterrâneo que poderá servir igualmente para albergar as bilheteiras.



As obras das futuras instalações do Queimódromo já estão em andamento

As obras estão já relativamente adiantadas, já se podendo visualizar o palco. Perspectiva–se a finalização das obras do espaço para concertos (o verdadeiro "queimódromo") para Fevereiro do próximo ano, possibilitando assim a realização da Queima das Fitas do ano 2000.

Espera–se assim que esta mudança seja do agrado dos estudantes, tendo em conta a melhoria qualitativa das condições propostas. Para tal, a Câmara sugere um intenso diálogo com a Comissão Central da Queima das Fitas, no sentido de maximizar as possibilidades que o "queimódromo" oferece. Uma das propostas permite que a Comissão Central da Queima se torne proprietária de algum equipamento específico. As vantagens devenientes desta oferta seriam sempre benéficas para a AAC uma vez que esse equipamento poderia sempre ser rentabilizado conforme as necessidades da cidade.

Para Maio podemos contar com a Queima na margem esquerda do Mondego. No entanto o que se vai encontrar não será ainda a versão definitiva do projecto mas sim o arranque de um plano de reabilitação da qualidade de vida em Coimbra, alteração essa que se fará sentir apenas quando o trânsito fluir para a ponte Europa e quando a construção do Pólo II se encontrar definitivamente concluída.

Rui Correia

Por uma formação multidisciplinar

Decorreu, nos passados dias 24 e 25 de Novembro, no Auditório da Faculdade de Economia, um Ciclo de Conferências subordinado ao tema " Por uma Formação Multidisciplinar". O evento foi levado a cabo pelo Núcleo de Estudantes de Economia e Gestão e contou com um tão diversificado quanto completo painel de conferencistas.

O primeiro dia deste Ciclo viu serem tratados temas relacionados com a "Formação Extracurricular". António Pinto, do Centro de Emprego e Formação Profissional, abriu a sessão anunciando diversos programas de apoio aos licenciados. A explanação da crescente importância dos meios informáticos e a adaptação a esta "nova" realidade ficou a cargo de Filomena Quinaz Direito (Futurkids), que destacou o analfabetismo funcional existente nesta área ao nível dos recém–licenciados. E foi justamente sobre estes últimos, das suas (in)capacidades e (in)competências, que falou Luís Borges Gouveia da Select - Recursos Humanos, dando ênfase ás lacunas na sua formação. A última intervenção do dia coube a Rita Ramos, da revista "Exame", que explicou como tecer uma boa rede de contactos, salientando a sua importância para o sucesso profissional futuro.

O segundo dia, dedicado à "Gestão do Estudo", pautou–se por uma exposição mais pedagógica, dada a presença de um elenco de conferencistas maioritariamente constituído por docentes da Universidade de Coimbra.

Dividiu–se este segundo dia em três painéis, que analisaram desde os métodos de estudo (Ana Margarida Galhardo - GAP, Instituto Miguel Torga) até ao insucesso no Ensino Superior (Anabela Sousa Pereira - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra), passando pela apresentação dos factores que influenciam a aprendizagem neste nível de ensino (Maria da Graça Bidarra - Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra e Conceição Almeida - CAT).

De relevar a apresentação, levada a cabo pela Profª Anabela Sousa Pereira, dos resultados de um estudo realizado entre os anos de 1992 e 1997, onde se exposeram os principais problemas, as principais dificuldades, sentidas pelos estudantes. A lume veio também a polémica questão do aluno (não) elegível, equacionando–se soluções para a famigerada questão. A unanimidade entre conferencistas surgiu quando se pretendeu imputar ao querer (ou à falta dele) do aluno a responsabilidade primeira do insucesso escolar.

Pôs termo a este Ciclo de Conferências um breve debate que contou com a participação dos Profs. Pina da Silva e Paulino Teixeira, ambos da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Marcado ficou este encerramento pela ausência de resposta a questões tão simples quanto a necessidade de formação pedagógica dos professores, ou mesmo o hipotético corporativismo da classe docente.

João Brás

Ficha Técnica

Director: Bruno Ferreira **Director Adjunto:** Fernando Nunes **Director Gráfico:** Rui Justiniano **Paginação:** Bruno Vale, Nuno Curado, Ricardo Matos, Rui Justiniano **Chefe de Redacção:** Sérgio Alves **Redacção:** Ana Laura, Ana Pais, Andreia Gouveia, Bruno Vale, Cecília Santos, Daniel Marinho Pires, David Pereira Bastos, Graça Costa, Guilherme Oliveira, Helder Silva Dantas, Hugo Ferreira, João Melo Alvim, João Vaz, José Carlos Santos,Leonor Tato, Pedro Correia, Ricardo S. Salgado, Rui Silva, Sérgio Alves, Sónia Martins, Susana Almeida, Susana Martins, **Delegação de Lyon:** Eduardo Brito **Colaboradores:** Ana Drago, André de Brito Correia, Rosário Salvado, Tiago Maranhão, Ana Sousa, Cátia Cabrita, Filipe Vicente, Nuno Dias, Paulo Teixeira, Rui Correia,Tiago Marques **Fotografia:** Nuno Curado **Publicidade:** Bruno Vale contacto - 966337197 / 239821554 **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

草



草

草

CAO SAP CAO

澳門



Pedra

CAO SAP CAO

Macau/99
Instalação de fotografias de Pedro Medeiros

Café Teatro do Teatro Académico de Gil Vicente, a partir de 16 de Dezembro de 1999 a 16 de Janeiro de 2000

Todos os dias: 9.00 -24.00h

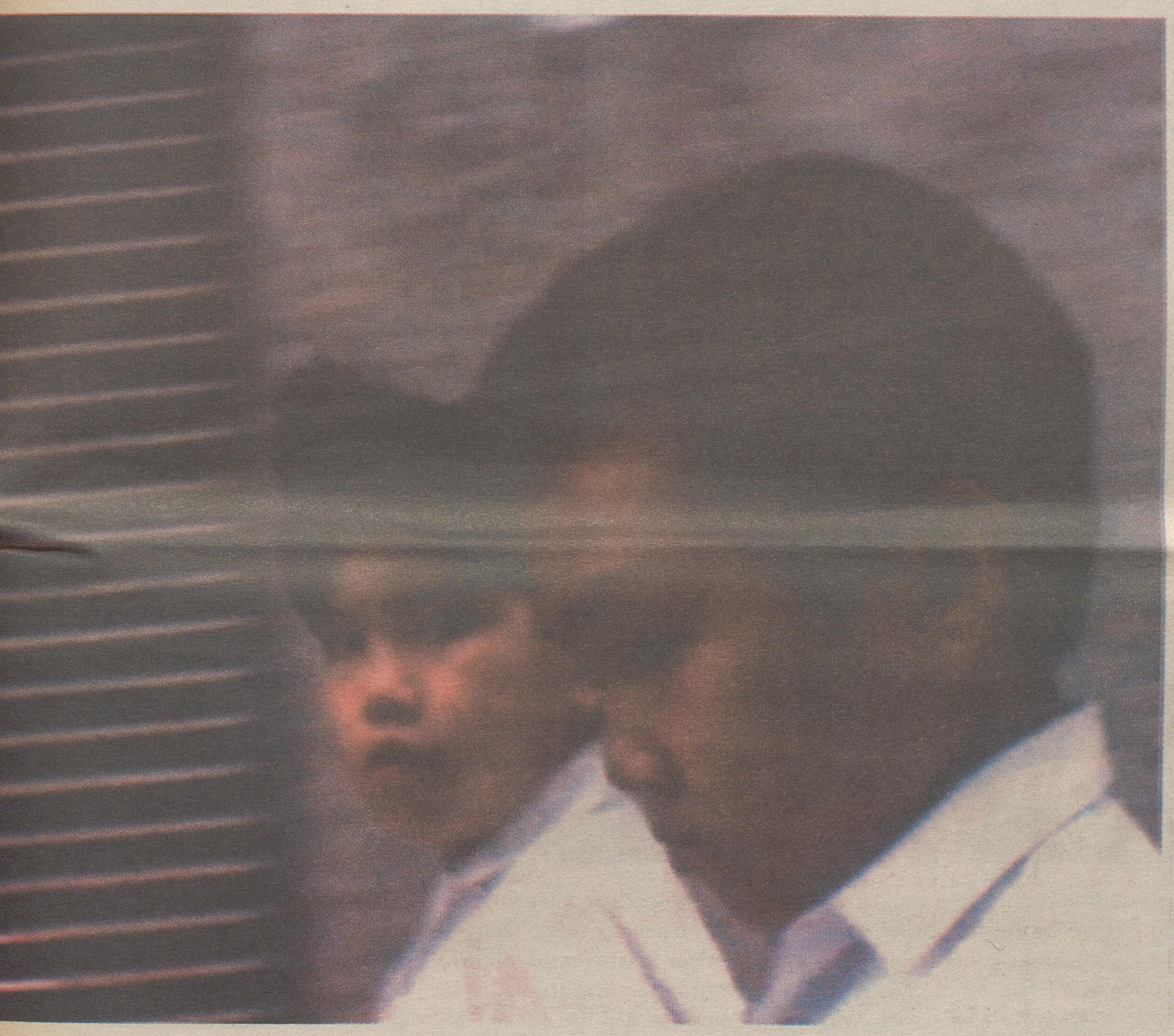


澳門

澳門

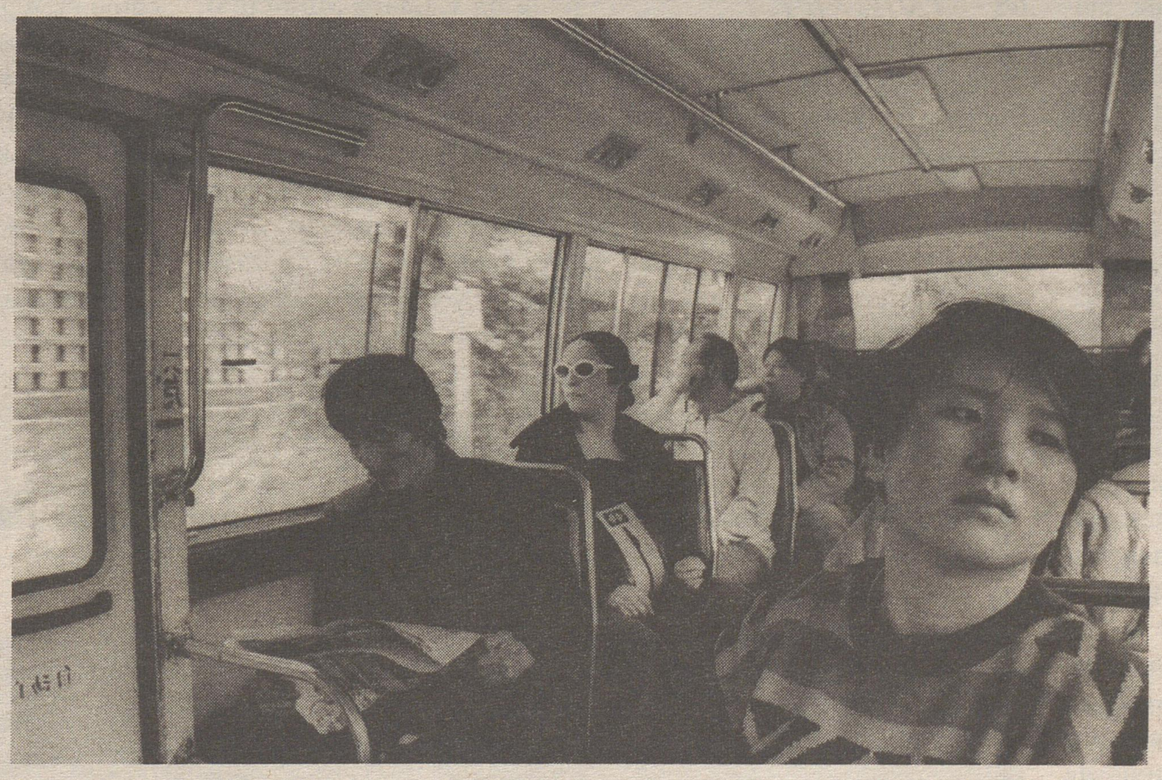
Medeiros





"(...) Por tentar entender a urbe que sorri, que no contacto com histórias por vezes sórdidas, até macabras, continua a sorrir, qual buda gorduroso complacente numa placidez de ópio, porque a vida pouco vale; por tentar entender estes infindáveis pormenores, colocados nos interstícios da distracção, delicados, qual pivete fumegante num templo minúsculo no sopé duma qualquer porta, que dialoga com os mortos, porque a vida pouco vale; por tentar, sim por tentar entender os olhares, as luzes, as ameaças, os brilhos, a carne, as presenças ausentes, o fulgor de um sexo que se oferece, ou vende... pouco importa, desde que impere o prazer, por tentar entender essa pele macilenta, esse ar denso, as cores fortes que decoram outras visões do mundo, do homem. Por ter a veleidade de tentar perceber, de melhor compreender a terra e o espaço do homem, foi crescendo a tontura mística da paixão, a pulsão entumescida da atracção, de uma respiração tolhida e sofrega por um corpo que se escapa num fio branco inalado (...)".

Salustiano
Macau, Novembro de 1999

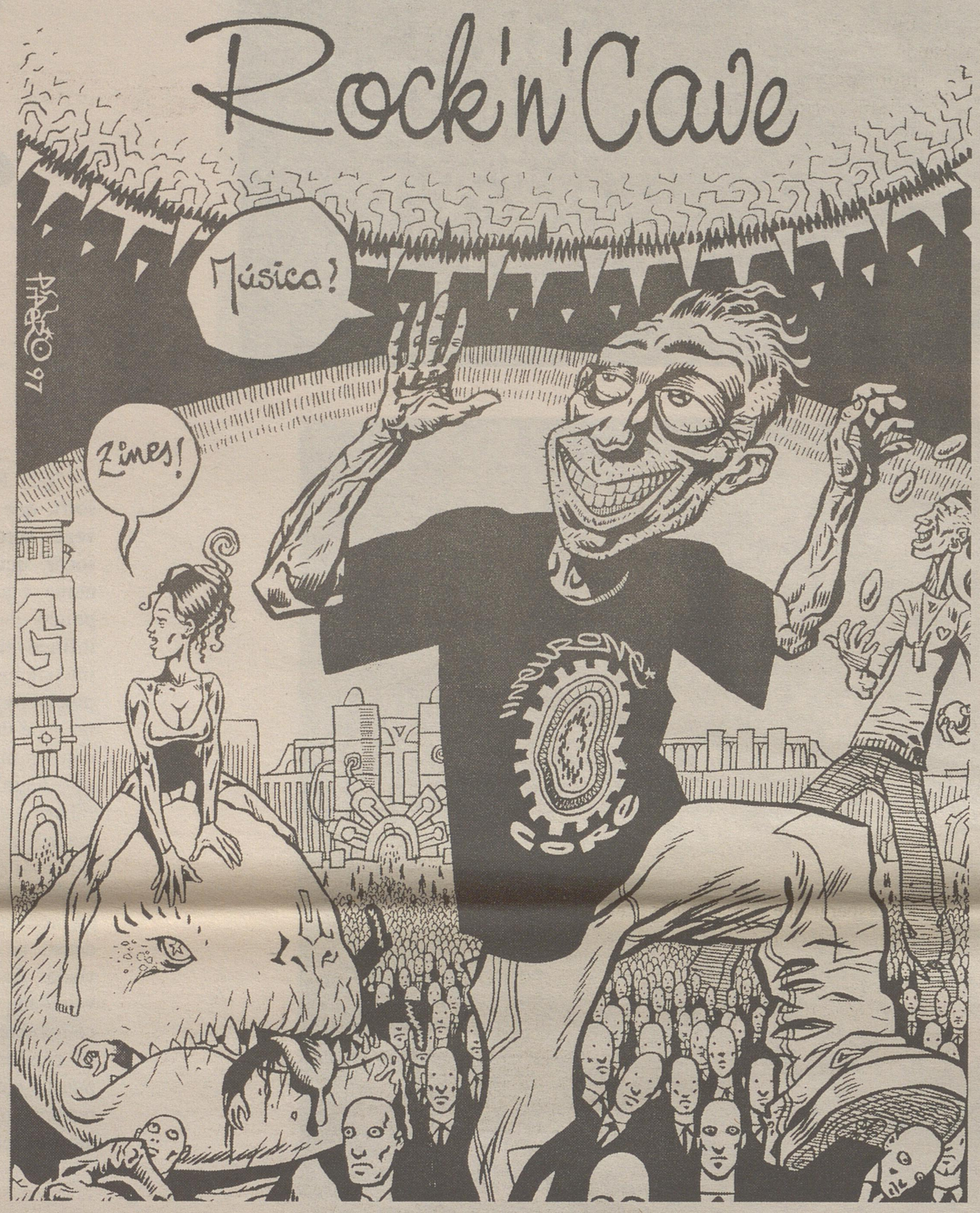


澳門

Associação Rock 'N' Cave existe há dois anos

A cave independente

A Rock´n´Cave é uma associação cultural sem fins lucrativos que existe há cerca de dois anos, altura em que o actual presidente da direcção, Nuno Ferros, se desligou da Associação de Incentivo à Cultura Courense, entidade organizadora do Festival de Música de Paredes de Coura. O nome surgiu por referência aos primeiros concertos organizados pela associação, que tiveram lugar na Cave das Químicas. A partir dessa altura, muitas coisas foram acontecendo: desde vários festivais de música, passando por eventos multimédia, até aos recentes concertos realizados no auditório do IPJ, todos eles com entrada gratuita. Dois dos responsáveis desta associação, Nuno Ferros e António Raimundo, explicam–nos quais são os objectivos da Rock´n´Cave e as suas tentativas de agitar a cena cultural coimbrã.



Há alguma ligação entre a associação Rock´n´Cave e a AAC?

A associação Rock´n´Cave existe há cerca de dois anos. As pessoas que faziam parte dela eram estudantes da Universidade de Coimbra, pelo que tudo girava um pouco à volta da Universidade. Mas esta é uma associação constituída legalmente, que não está ligada à Academia, uma vez que não é uma secção nem um organismo autónomo. O facto de a maior parte dos seus membros serem ou terem sido estudantes ou até membros da mesma república (o Solar do 44) liga–nos de certa forma à Academia, mas esta é uma associação com personalidade jurídica, e que não está ligada directamente à AAC.

Assim sendo, a associação não precisa necessariamente de estudantes para a sua renovação e continuidade...

Nós queremos que apareçam muitos estudantes interessados em dar continuidade a este trabalho. Neste momento, a maior parte dos membros está a acabar o curso, o que implica que tenhamos menos tempo para dedicar à associação. Visto que a sede da Rock´n´Cave é em Coimbra, seria óptimo que aparecessem estudantes da Universidade que continuassem o nosso trabalho com a mesma dedicação.

Os projectos da vossa associação estão exclusivamente ligados ao ramo musical?

Temos feito muitas coisas à volta disso, mas também tentamos abordar outras áreas como a BD ou as fanzines. Temos um projecto em vias de desenvolvimento nesta área, que é a constituição de uma fanzinoteca. É um campo muito interessante e criativo, por onde passam projectos de pessoas muito jovens com um gosto especial por determinado assunto. Há fanáticos de tudo: música, literatura, pintura, design, ecologia... Com esta fanzinoteca procuramos aproximar–nos ao máximo de todas as culturas alternativas.

Até que ponto é que a Rock´n´Cave se traduz numa alternativa àquilo que a Academia transmite?

A vida cultural de Coimbra não pode depender só da AAC, é possível criar outras instituições dedicadas a diferentes formas de arte. Esta mensagem não é só para os estudantes, mas também para os jovens que nasceram cá e que nunca fizeram muito pela cidade.

A criação da Rock´n´Cave não teve como objectivo romper com a AAC, mas sim mostrar que é possível haver actividade cultural em Coimbra sem ser em dependência da Academia. Nós não somos contra a AAC: o facto de não estarmos neste edifício não impede a colaboração entre as duas instituições, até por causa da abordagem dos espaços existentes na cidade.

Como é que vocês conseguem os locais para os concertos - o TAGV, o IPJ...?

A Rock´n´Cave é uma associação reconhecida , inscrita no Registo Nacional de Associações Juvenis do IPJ, o que nos permite utilizar este espaço. Quanto ao TAGV, os concertos aí realizados foram uma acção conjunta com a AAC. Este é o único espaço da cidade com condições para acolher iniciativas deste género, mas o facto de pertencer à Universidade cria dificuldades à realização de eventos que não lhe estejam associados. Aqui a culpa é claramente da Câmara Municipal, que não fomenta a construção de espaços culturais, o que prova a sua dependência face à Universidade nesta área.

Como é que se consegue viabilizar um projecto deste género em termos de financiamento? Os concertos realizados no IPJ, por exemplo, foram de entrada gratuita...

A Rock´n´Cave tinha muitos projectos para este ano e, posteriormente, foram surgindo possibilidades de colaborarmos com outras instituições. Uma delas, a B–Kool, permitiu a realização dos concertos da banda Tim Berne Bloodcount em Lisboa (Aula Magna) e no Porto (Cinema do Terço), já que se tratava de uma produtora de espectáculos que pretendia organizar um concerto dentro dos nossos padrões de qualidade e de gosto musical. Nesses eventos nós tratámos da direcção artística e eles custearam a produção.

O caso do John Zorn Ensemble é semelhante, uma vez que foi em parceria com a AAC que este concerto foi possível. A Mostra de Música Experimental exigiu que pedíssemos alguns subsídios, até porque a utilização do fórum do IPJ tem algumas limitações, nomeadamente o facto de os espectáculos serem obrigatoriamente de entrada gratuita. Porém, o único apoio que acabámos por ter foi mesmo o do IPJ. É muito difícil conseguir patrocínios em Coimbra, porque o comércio local não quer arriscar em projectos direccionados para minorias, o que dificulta ainda mais a sua realização.

Na vossa opinião, há público em Coimbra para a música experimental?

Nós achamos que em Coimbra há público para tudo, visto que tem uma população de mais de 20 mil estudantes, que à partida estarão receptivos a muitos tipos de coisas. A questão é que o público tem que mostrar que quer ver concertos deste género, e não apenas fazer figura de corpo presente nas salas. No entanto, não são só os espectáculos de música experimental a passar despercebidos, já que acontece o mesmo com muitos outros tipos de eventos. Há que apoiar todas as iniciativas que Coimbra oferece, porque só assim poderá aumentar a oferta.

Cecilia Santos
Leonor Tato

ROCK'N'CAVE
WWW.ROCKNCAVE.PT

Projectos para o futuro

Ha dois projectos da Rock´n´Cave que vão ter continuidade no ano 2000. Um deles é a fanzinoteca, um trabalho bastante promeedor, uma vez que será a primeira fanzinoteca portuguesa, mas ao mesmo tempo difícil de custear, uma vez que só se torna lucrativa quando exposta num festival ou outro espectáculo do género. O outro projecto a continuar é o Space 2000 - Mostra de Música Experimental, Electrónica e Improvisada, que trata uma área pouco abordada em Coimbra.

Ha ainda ideias que passam pela realização de um festival dedicado à música de percussão, já que é uma preocupação da associação trabalhar em áreas pouco exploradas e contribuir assim para a sua divulgação.

A Eternidade e Um Dia de Theo Angelopolous

Vidas gregas

"A Eternidade e Um Dia" de Theo Angelopoulous, Palma de Ouro em Cannes em 1998, 132 minutos , é um filme que se encontra em estado terminal. Um homem sabe que está a a morrer e decide trocar connosco as últimas palavras, sentimentos, memórias e gestos. A obra provém de um cineasta que nos habituou a filmes de um universo temático e formal muito particulares, assumida mais uma vez enquanto cristalização de um paradigma, estrondoso eco de um cinema europeu marcado pelo autor.

O realizador gregoTheo Angelopolous serve–se agora do alemão Bruno Ganz e dos seus já habituais planos–sequência, imagem de marca do cineasta, num prolongamento do seu olhar maculado e errante, à semelhança de "O Olhar de Ulisses ", só que desta vez sobre o microcosmos grego.

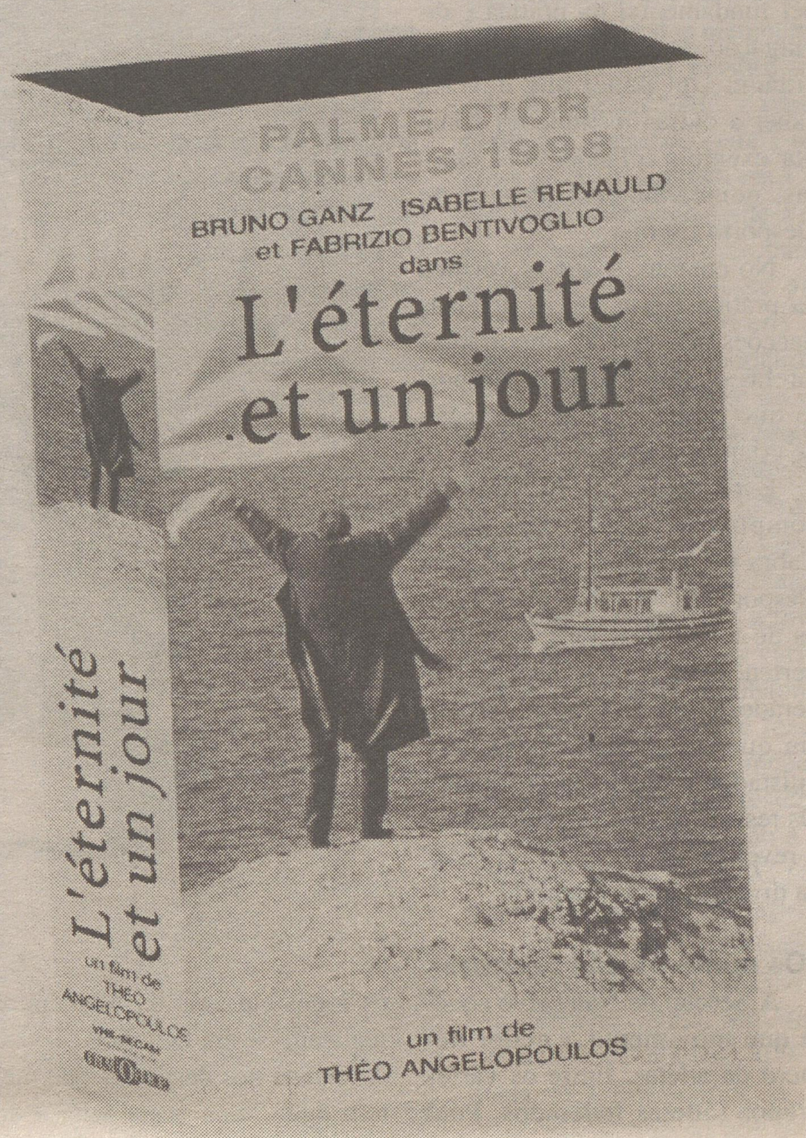
Sem qualquer dúvida, mais um olhar dilacerado, magoado, sobre o estado de coisas no país que viu nascer a civilização ocidental por um autor que dedicou grande parte do seu cinema à compreensão e apreensão da história social e política da Grécia.

Em fase terminal está Alexandre, poeta solitário grego, um exilado no seu próprio país. Neste seu périplo ao passado, aproveita para rever fábulas, espreitar o tempo partilhado com a sua companheira, as amizades em 1966, um ano antes do golpe que instalou na Grécia a ditadura dos coronéis, passando ao lado do amor e da mulher já desaparecida. Um poeta incapaz de concluir um derradeiro poema, iniciado por Dionysos Salomos, autor do hino nacional grego (séc.XIX), por falta de inspiração e pelos fantasmas do passado.

Na sua revolta contra o tempo está também a frase do avó quando era pequeno: "O tempo é um menino jogado às pedrinhas para a àgua", nada mais certeiro para quem seguir a personagem central do filme. E quem seria esta criança albanesa sem eira nem beira que aparece e desaparece durante o filme todo? Saberia ela que Alexandre não tinha apenas dores insuportáveis como não suportava o mundo em que vivia ? Bastaria por isso esperar que a resgatasse da lavagem dos vidros dos carros que páram junto aos semáforos de Salónica ou ainda vê–lo a irritar–se com o pragmatismo do genro que destrói memórias, vendendo sem escrúpulos a velha mansão em nome do progresso e do negócio ou ainda impossiblidade de responder à pergunta: "Diz–me, mãe, porque não sabíamos nós como se amava ?". Na verdade, não há respostas, apenas poesia! Uma poesia em forma despedida acompanhada pela música de Eleni Karaindrou (infelizmente tão desconhecida entre nós !) servida mais uma vez como pêndulo da memória face ao ao assalto constante de um presente ameaçador. Há, portanto, demasiadas personagens à deriva condenadas ao exílio nos mais recentes filmes do cineasta.

A Grécia de Angelopolous está a morrer parece ser este o veridicto que nos fica a transparecer deste filme belo mas vazio. Uma beleza fria de um gesto cinematográfico que não acrescenta nada à carreira do autor, o que não deixa de ser essencial para funcionar enquanto paradigma necessário à Palma de Ouro em Cannes do ano passado.

Fernando Nunes



Um Erasmus em Salónica

Há cinco anos fui Erasmus na Universidade Aristoteles, em Salónica, na Grécia. Após ter lá vivido um ano, no regresso, escrevi no caderno de merceeiro que trazia comigo o seguinte : "O avião demora algum tempo a descer até ao Aeroporto de Lisboa e começam já as dores insuportáveis nos ouvidos. Estive onze meses na Grécia e tenho saudades da língua, do mar mediterrânico, da música grega e suas excentricidades gastronómicas. Comigo transporto o livro de poemas de Yorgos Serferis, abro uma das páginas ao calha e leio: `Este homem caminha a chorar/ninguém sabe dizer porquê/às vezes penso que são amores perdidos/como aqueles que tanto nos atormentam à beira–mar no verão com os gramofones...´ O avião faz muito demoradamente a sua aterragem e, por momentos, apenas sei que a Grécia fica agora cada vez mais longe". Cinco anos sem lá voltar é pouco tempo mas parece uma eternidade.

A memória, por vezes, pode trair. Entra–se subitamente numa sala de cinema e mergulha-se nessa recordação esquecida à procura de uma ou várias aproximações. Mas afinal pretende–se aproximar de quê ?Deixei alguma vez eu de estar próximo ?



Vista parcial da Igreja Panaghia Chalkéon, em Salónica

Após o filme, a memória fica bem mais fresca no que toca à mistura das línguas do primeiro mês. Não me lembro do número de língua faladas na taberna onde reuniram todos os " estudantes estrangeiros erasmus" e nunca me esquecerei daquele estudante grego que, ao apresentar–me a sua cidade universitária, disse–me mais de cem vezes a palavra "marvellous".

Recordo também uma Salónica pulsante, cosmopolita (apesar de não ter um único jornal português!), de tão bela como caótica, com a omnipresença do mar e de uns habitantes frenéticos e festivos quanto baste. É verdade que os nativos vestem–se à "ocidental", falam um grego "anglicizado", utilizam cartões de crédito, frequentam as "grandes superfícies ", viajam de "overcraft" para as ilhas do Egeu e são fanáticos por Basquetebol e Futebol. A cidade era um lugar feliz e agradável se a percorréssemos a pé e o inferno se utilizássemos qualquer meio de transporte. A saber ainda que os gregos não cumpriam horários e mantinham uma "saudável" relação com o tempo a lembrar os asiáticos. Por isso, desconfiei sempre das informações que me davam nas estações ou na própria universidade. Não tem conta as vezes que a Universidade fechou por greve ou por mais um feriado nacional.

Os estudantes da Universidade Aristóteles não pagavam os seus livros, propinas e alimentação, ao mesmo tempo que paravam a Universidade quando bem entendiam. A Universidade era um espaço onde a polícia não ia ou tinha medo de ir. Os jardins universitários serviam para trocar e vender toda a produção estudantil, desde gravações de cassetes, artesanato, livros antigos ou representações teatrais ou musicais.Os professores universitários, novos ou mais velhos, sabiam os nomes dos estudantes e partilhavam com eles a sua vida académica. Todos devíamos ser gregos por um ano e como escreveu o italiano, Cesare Pavese: "Nada se torna mais inabitável como o lugar onde se foi feliz". E é bem capaz de ser verdade !

F N

Secções da AAC desempenham importante papel na formação de atletas

O maior clube do país

A Associação Académica de Coimbra é por muitos considerado, a nível nacional, o maior clube de desporto amador. Tem agregadas a si 23 Secções Desportivas que, no seu conjunto, movimentam mais de 6000 atletas, dirigentes, técnicos e pessoal auxiliar.



A AAC desempenha um papel fundamental na prática e divulgação do desporto a nível da cidade. Um papel que deveria caber a outras instituições como por exemplo o Estado e as escolas, nomeadamente através do Desporto Escolar.

No entanto, o que se verifica na prática é que são as diversas Secções que têm as importantes tarefas de divulgação do desporto que praticam e de formação de crianças e jovens.

Este facto foi facilmente comprovado pela visita que a Cabra fez à maioria das Secções Desportivas. Os objectivos eram os de tentar descobrir os atletas pertencentes a cada Secção (federados e não federados), provas em que competem, títulos conquistados e outras curiosidades. Os resultados são surpreendentes e reveladores do papel da AAC na divulgação do Desporto.

Os números das Secções

A Secção de Natação é aquela que movimenta o maior número de atletas. Entre os vários grupos (atletas federados, Pólo Aquático, universitários, escolas, grupos organizados e adultos) o total atinge perto de 1800 praticantes. Apenas 75 destes são federados, participando regularmente em competições nacionais e internacionais (2 atletas participaram nos Campeonatos da Europa). Da memória do ano passado fica, por exemplo, a conquista do campeonato nacional (CN) por parte da equipa feminina de infantis (recordistas nacionais). No entanto, no seu historial, constam inúmeros recordes regionais e nacionais.



Na Secção de Natação também está incluído o Pólo Aquático que tem equipa feminina e masculina. Dos 52 atletas federados, a sua grande maioria é universitário, o que se explica pelo facto de a maior parte destes jogadores virem da Natação (competição). É que um atleta de Natação "só dura até aos 18 anos ", explica Miguel Abrantes, técnico da Secção. Quanto a competições, este ano, a equipa feminina disputa a 1ª Divisão do CN e os seniores a 2ª. Como em Coimbra não há condições para a prática deste desporto no Inverno, os jogos em casa da Académica realizam–se em Penafiel.

Ainda nos desportos que metem água, mas desta feita a do Rio Mondego, temos as Secções de Desportos Naúticos e de Pesca Desportiva. Quanto à primeira, 99% do seu trabalho é dedicado ao Remo, como explicou Miguel Falcão, ligado aquela Secção. "Nós movimentamos neste momento cerca de 50 atletas de competição. A par disso temos as chamadas escolas de remo, a iniciação e o lazer". Neste grupo recebem por ano cerca de 150 inscrições, maioritariamente universitários. A captação de novos atletas para a prática deste desporto é feita através de um protocolo com o desporto escolar mas também de um modo espontâneo: "ouvem falar, leêm no jornal, o amigo que pratica".

No que diz respeito à Pesca Desportiva, esta é uma secção que movimenta apenas 10 atletas que são preferencialmente orientados para a pesca desportiva de rio mas que apresenta no seu palmarés grandes cartões de visita. O seu ponto mais alto foi o título de campeões mundiais de clubes em 1992. A partir daí faltaram apoios (um problema comum a todas as secções) e perderam alguns atletas que foram para outros clubes, com melhores condições.

Agora mais a seco, outra das Secções que engloba um grande número de atletas é a de Rugby. Tem 300 jogadores inscritos que se repartem por todos os escalões etários (desde os 7 até à equipa de veteranos). Amândio Figueiredo, presidente da Secção, afirma que "neste momento podemos considerar que, tirando o futebol da Académica, o rugby é o desporto mais divulgado em Coimbra. Temos esse orgulho". Este estatuto é alcançado em grande parte pelos resultados obtidos: a nível de seniores "a Académica foi três vezes campeã nacional, uma vez campeã Ibérica(1997) e tem seis Taças de Portugal" e nos outros escalões só nos juniores é que nunca ganharam nada.

A secção de Basebol é das mais recentes da ACC. Apesar da modalidade se praticar desde 1993, apenas nasceu como secção em 1996. No entanto apresenta já um conjunto de resultados que a colocam no grupo com resultados. Um dos seus principais objectivos é o de aumentar o número de praticantes, pretendendo, para o efeito, desenvolver acções de formação em diversas escolas do distrito de Coimbra, fazer demonstrações e distribuição de panfletos. Hoje a secção conta com 3 escalões de competição, (seniores masculino e feminino e o escalão de formação - cadetes), tendo ao todo cerca de 56 atletas. O palmarés desta equipa conta já com três títulos de Campeões Nacionais, e com uma participação no campeonato Europeu de Clube Campeões.

Quanto à Secção de Basquetebol, esta é também uma das

secções que aposta na formação de atletas. Ricardo Diz, jogador da equipa dos seniores, considera que em Coimbra este é um desporto pouco conhecido; "só os que conhecem é que vão ver". Quanto ao campeonato em que participam (2ª Divisão, Zona Norte), o jogador acrescenta que "tivemos um mau começo, começámos a perder com equipas teoricamente mais fáceis", mas agora "temos 4, 5 jogos com vitórias". A competir no CN da 2ª divisão também está a equipa feminina que, tal como os masculinos, estão a apostar na subida de divisão. Uma das particularidades desta Secção é que têm jogadores Erasmus que treinam com a equipa de seniores.

A secção de futebol é a mais antiga da AAC e tem como principal feito a conquista da primeira Taça de Portugal realizada no nosso país, na época de 1938 / 39. Também têm o título de de Campeões Nacionais Universitários alcançado 1990. Tem cerca de 120 praticantes, de acordo com números fornecidos pelo Conselho Desportivo.

Uma outra secção que tem levado o nome da Académica para os jornais é a de Voleibol. Na época passada a sua equipa de seniores masculinos (100% amadora) garantiu a subida para a 1ª divisão nacional A2. Para este ano, o objectivo é "consolidar o lugar e isso está praticamente garantido", afirma Américo Silva, ligado à secção. A Secção tem cerca de 170 atletas federados, em todos os escalões etários, e cerca de 30 atletas na iniciação, sendo que "a finalidade da formação de atletas não é a competição imediata, mas sim a formação em si", acrescenta Américo Silva.

Quanto à Secção de Andebol, esta é a principal dinamizadora da prática deste desporto na região Centro, movimentando jovens de todos os escalões etários e participando nos quadros competitivos de actividade federada. Ao todo são mais de 100 atletas que envergam as cores da Académica. A sua equipa principal é quase totalmente constituída por atletas formados nas suas camadas mais jovens.

A Secção de Atletismo integra a prática de um grande número de modalidades, desde o lançamento do martelo, do dardo, do dico, ao salto em altura, à marcha, a provas de velocidade. É uma secção oreintada essencialmente para a formação. O seu historial conta com a presença de atletas campeões nacionais individuais, atletas internacionais e classificações nacionais colectivas.

A Secção de Patinagem integra o Hóquei em Patins mas, segundo Mário Nogueira, desta Secção, "actualmente, quer no sector masculino como no feminino, só há Hóquei em Patins, uma vez que não temos ninguém interessado em Patinagem Artística ou em Corrida de Patins". A equipa de seniores masculina é totalmente constituída por universitários enquanto que na feminina essa percentagem é de 50%. Tem, nos vários escalões, 112 atletas. "A nossa aposta é na formação. Os atletas seniores são exclusivamente amadores, oriundos das camadas jovens ou de outros clubes, mas que por razões de estudo vivem em Coimbra".

Quanto à Secção de Ténis, a grande novidade este ano é que vai apresentar–se com uma equipa 100% universitária, considerada por Eduardo Cabrita, que já foi presidente da Secção, "um luxo. Estão entre os dez primeiros a nível nacional". Ao todo são mais de 150 as pessoas que praticam este desporto. "Uma das coisas que estão no nosso horizonte é que as pessoas pratiquem ténis", ou seja, abrir uma certa "cultura tenística à população". No entanto, o crescimento da Secção está condicionada pela não existência de campos de ténis cobertos.

Em 1964 foi criada a Secção de Ginástica e orienta aproximadamente 350 atletas desenvolvendo a sua actividade em todo o espectro gímnico, contemplando a área de lazer e recriação com classes de ginástica aeróbica, manutenção e formação com classes infantis. Nesta Secção, assistiu–se este ano a uma remodelação geral que inclui um plano de formação onde a aposta é feita em bons professores e infraestruturas. A equipa participa no CN e este ano foi seleccionada para o evento mais importante nesta área a seguir aos Jogos Olímpicos- "Gimnoestrada Mundial".

Conotado muitas vezes como um desporto de meninas, as presenças de atletas masculinos na secção de Badminton desmentem esta ideia. Dos 65 atletas inscritos mais de metade são atletas masculinos. Como explica Ângelo Santos, treinador dos mais novos e atleta, este é um dsporto que, em competição, "utiliza todas as capacidades físicas": velocidade, resistência, flexibilidade, força e muita coordenação. Quanto à divulgação da modalidade , este atleta considera que "toda a gente sabe o que é o badminton, mas não sabem onde o praticar".

Apesar de já ter alguma actualidade, a Secção de Tiro com Arco ainda se encontra num período de instalação. Apareceu em 1997 e tem cerca de 12 atletas inscritos não entrando em competição. O treinador António Pereira queixa–se da falta de apoio e infrestruturas para o desenvolvimento da modalidade. A Secção, no entanto, aposta na formação da equipa que tem e alenta a esperança de descobrir novos valores.

Uma Secção que é única na região na prática e divulgação da modalidade é a secção de Esgrima que retomou há poucos anos a sua actividade. Neste momento integra 13 atletas. Apesar de "haver muita gente por aqui, só alguns é que ficam". Quem o diz é Tiago Alves, atleta federado que no ano passado conquistou o título da Campeão Universitário na categoria de Sabre. O ano passado foi o ano a Secção realizou a sua 1ª prova,. "mesmo assim foi boa, especialmente os femininos".

Alexandre Brás é o presidente da Secção de Halterofilismo e ao mesmo tempo um dos 15 atletas que pratica este desporto. Todos eles são federados e metade deles universitários. Participam em competições nacionais e internacionais com uma certa regularidade. Obtiveram os 3º e 4º lugares no Campeonato da União Europeia e do seu historial destaca–se a obtenção de vários recordes e títulos nacionais. Para a Secção, o seu presidente afirma que "precisávamos mais e melhor material".

A Secção de Boxe foi formalmente reactivada há uma semana. O responsável por este reaparecimento é Miguel Silva, um professor de Educação Física que aposta no desenvolvimento da Secção. Actualmente esta integra cerca de 22 atletas (competição e manutenção). Um dos principais problemas da Secção é a recruta de jovens para os seus escalões de formação. Este é um desporto que não é bem visto pelos pais, muito influenciados pelo boxe profissional que veêm praticar na televisão. Na secção, o boxe que se pratica é o Olímpico, ou seja, há uma maior protecção do atleta não só a nível do uso do capacete e outros objectos, como também a nível das próprias regras. Um preconceito que a Secção vai tentar ultrapassar pela maior e melhor divulgação da modalidade.

A Secção de Judo é presentemente um dos mais importantes núcleos da modalidade no país e apresenta nos seus quadros vários campeões nacionais e alguns títulos internacionais. Esta Secção, que data de 1961, conta com cerca de 200 atletas. Pedro Gonçalves, um dos elementos da direcção, afirma mesmo que a sala de Judo da AAC "é uma das melhores salas do país", tendo entre si cinco treinadores Cinturão Negro. Recentemente a equipa de juniores foi vice campeã nacional, iniciando–se assim uma geração de jovens com grande potencial na modalidade.

A Secção de Karate da AAC conta com cerca de 130 praticantes que aparecem regularmente e que para além de se dividirem em classes de iniciação, intermédia e avançada (Cintos Negros e Castanhos), conta com a presença de atletas das mais variadas idades. O grande impulsionador desta Secção é o Mestre José Lemos que acumula as funções de director e técnico. Os resultados obtidos têm possibilitado a chamada de atletas da AAC para a Selecção Nacional Portuguesa.

A Secção de Culturismo, ou de Cultura Física, como lhe chama Fernando Reis, movimenta cerca de 100 sócios, 80% dos quais são universitários. A grande aposta da Secção nos últimos tempos foi o melhoramento das infraestruturas. Arranjado o telhado, construídos os balneários e depois da aquisição de equipamentos, as próximas obras serão a construção de uma passadeira em cimento para acesso ao ginásio e a colocação de um novo chão dentro do ginásio. Tudo para melhorar as condições e se possível voltar a entrar em competição o que não acontece neste momento.

Apesar de não exigir esforço físico, a Secção de Xadrez também tem cerca de 40 atletas federados e cerca de 30 atletas não federados, e cerca de 70 sócios que jogam. Para Diogo Alho, presidente da Secção, o Xadrez "parece que mete medo". Para ele, este desporto "não é nenhuma arte que fique por conhecer". Daí que a secção desenvolva acções de formação em escolas da cidade e para aquelas pessoas que queiram aprender (dependendo das capacidades da Secção). Também existe um CN para o Xadrez, sendo provável que a equipa A suba para a 2ª Divisão.

Sendo uma das mais recentes secções da AAC, a Secção de Radiomodelismo tem já no seu currículo vários Campeões nacionais. Dedicada essencialmente ao lazer, é uma das modalidades que se reveste de grande espectacularidade. Um dos seus marcos foi a organização do VII Campeonato Mundial.



Sónia Martins
Nuno Dias

Rui Bebiano, editor da Non!, em entrevista

Non! ou a vã glória de navegar

Rui Bebiano é professor auxiliar de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e editor da revista online intitulada Non!-Cultura e Intervenção. Uma página na Internet para quem sabe navegar: a ligação é www.zonanon.com.

Como é que surgiu a Non! revista on–line de cultura e intervenção ?

Rui Bebiano: Basicamente a criação da Non! foi o resultado de perceber a necessidade de um universo que estava a nascer em termos de comunicação, de existir uma coisa que em português até à altura não existia. Um instrumento alternativo de comunicação que permitisse informar, discutir e produzir opinião que não fosse necessariamente opinião comercial nem dos órgãos tradicionais de informação como os grandes jornais.

Como é que se cria uma página na internet ?

Não é muito difícil. Inicialmente foi. Por um lado, vendo outras experiências de outras publicações de grande qualidade em termos de revistas on line como a Slate ou a Salon... Recordo–me de ter lido um artigo numa revista em que dizia que a Salon tinha cem mil leitores diários e fiquei um bocado invejoso, com vontade de tentar...

Porquê o nome de Non! ? Há a semelhança com um título de um filme de Manoel de Oliveira...

É verdade. Várias pessoas já associaram e, de facto, só muito mais tarde é que tive a percepção que podia haver essa confusão. Non! é o advérbio de negação em latim e como a intenção era fundamentalmente ser uma revista crítica de negação de verdades aceites como indiscutíveis, surgiu a ideia.

Porquê Cultura e Intervenção ?

Esse título foi um bocado flutuante, abrangente e teve como objectivo captar um leque mais vasto de colaboradores, mais militante. Inicialmente chamou–se revista do inconformismo.

A Non! para além de ter esse lado informativo com um conjunto de textos muito vastos com opiniões, há uma secção que também acho muito curiosa que tem a ver com personalidades do inconformismo : Noam Chomsky, Simone Beauvoir entre outros- o "Dicionário do Inconformismo". Depois há também a parte das artes e do cinema e existe uma secção chamada plural que tem a ver com artigos ligados a vários géneros, às artes ....

Nós temos muito material e, por vezes, há uma necessidade de lhe dar um sentido. Apesar de termos como corpo central a opinião e a emissão de posições sobre situações actuais, temos um outro lado de participar no presente fazendo balanço do passado e isso fazemos no "Dicionário do Inconformismo "que é basicamente um dicionário de ideias, de imagens, de figuras, de pessoas - ou até não necessariamente de pessoas. Eu recordo–me que temos dois dos artigos publicados não só sobre figuras físicas: um é sobre o Zorro, uma figura de aventureiro que lutava contra os maléficos opressores do povo na zona da California e outro sobre Corto Maltese, uma personagem de Banda Desenhada.



Um instrumento alternativo de comunicação que permitisse informar, discutir e produzir opinião que não fosse necessariamente opinião comercial

Num dos últimos números de "Le Monde Diplomatique" há referências à Net como o novo ópio das massas e inclusive houve alguém que aconselhava mesmo a desligar o e–mail...

Eu também tenho falado com pessoas que partilham dessa opinião. Mesmo pessoas com atitudes construtivas em relação à sociedade mas que, em regra, têm muita desconfiança em relação a este meio. Parece -me que isto tem alguma razão de ser pois a Internet, como qualquer outro instrumento, pode ser outro elemento de alienação. Há pessoas que passam o dia ligadas à Internet a comunicar, eventualmente, a trocar mensagens todas de boas intenções mas que, na verdade, transformam toda a sua dimensão do mundo naquele reduzido espaço. No entanto, há áreas, há sítios , há formas de tocar as pessoas, formas de as mobilizar, de lhes dar a conhecer informação que hoje já não passam necessariamente pelo papel. O papel é importante, a televisão é importante... Pessoalmente, continuo a ler muitos jornais e revistas e todas as pessoas da Non vivem no meio de papéis e gostam deles. Dessa forma, percebemos que há sectores de ordem geográfica e a nível geracional e que a nível profissional já não têm tempo nem disponibilidade para informação escrita no papel e, no entanto, vão ler informação electrónica.

Há casos de participação activa das pessoas em campanhas online como os casos de Timor, Mumia Abdu Jamal, o movimento Zapatista ...

Por exemplo uma das formas de furar o cerco de Sarajevo foi logo na Internet quando muito pouca gente fazia esse tipo de prática. Eles realmente conseguiram comunicar com o exterior da cidade.

Isso não deixa portanto de ser um meio que devido à sua total liberdade haja alguns fantasmas e perigos ?

Nos jornais há também coisas que se lêem e são horrorosas... eu penso que a Internet não vai resolver o problema da felicidade humana. Não é tudo perfeito mas é um terreno onde se defrontam opiniões e pessoas como todos os outros.

E quando aquilo que se passar na Internet tiver mais impacto do que aquilo que se passa na televisão, não teme, como aliás já estão a ser criados, mecanismos de censura ?

Os mecanismos de censura estão já a ser criados. Em Portugal ainda não mas já existem noutros lugares. Eu posso dar o exemplo da campanha de envio de e–mails para as entidades que lançámos durante o massacre em Timor e que, por essa razão, recebemos mensagens de alguém que entendia que nós estávamos a praticar e abusar da nossa posição, que estávamos a gerar e–mails que não tinham sido requeridos por ninguém, a encher caixas de correio...tipo mail bomb.Nós tivémos que explicar a uma entidade que regula este tipo de situações que estávamos a fazer uma coisa que não era mais que reponder a uma situação que o próprio Conselho de Segurança da ONU estava naquele momento a tratar e portanto não era a mesma coisa que estar a bombardear pessoas com publicidade ou com mensagens de conteúdo pornográfico. A mensagem que nos foi enviada tinha sido enviada também para outros órgãos que, hipoteticamente, estavam a fazer esse tipo de crime e, à excepção da Non, todos os outros eram sites e endereços que tinham a ver com a produção de pornografia. Há realmente mecanismos que estão a funcionar, acredito que vai haver resistência, acredito que é um meio muito superior aos outros, mas vais ser uma luta muito forte.

O Rui Bebiano fala no artigo "Cyberactivismo experiência da cidania global" casos de regimes autocráticos que são um bocado perversos a estas participações maciças na Internet. São referidos os regimes da China, da Coreia do Norte ou mesmo de Cuba onde existem uns certos receios em relação à participação...

Claro que há outros regimes em que,pura e simplesmente, não há Internet nem sequer possibilidade porque são regimes que, inclusivamente, proíbem as parabólicas como no Afeganistão ou no Irão onde não é possível sequer esse tipo de informação. Em relação esses estados que são referidos onde existe a Internet, ela é, muito mais do que em qualquer outro local, controlada. Eu li um artigo de um jornalista que tinha visitado Cuba, era uma pessoa ligada a uma revista americana de esquerda que, de nenhuma maneira (não digo que fosse completamente insuspeita), iria inventar coisas, dizia, por exemplo ,que tinha ido a um sítio de informática onde havia computadores porque precisava de mandar uma mensagem de e–mail à familia e aos amigos e foi um sarilho para chegar ao único computador com ligação à Internet onde ele fez a mensagem explicando para quem era porque era enfim...é um bocado estranho, como sabemos, Cuba é objecto de um cerco . Na minha opinião, um cerco injusto e um bloqueio que não faz sentido · e de certa maneira isso ao contrário, em vez de o quebrar, só o amplia.

Outra dos temas também que é muito utilizado actualmente por parte das pessoas que criticam a internet tem ver com a "infoexclusão", os Infoexcluidos" as pessoas que não têm de facto acesso à internet ou que não se adaptaram a esta revolução. Ou será que não é bem assim?

Há dois tipos de casos: as pessoas que têm aversão, que se excluem de alguma maneira. Mas há também zonas nas quais, por razões económicas ou técnicas (nomeadamente nos países de África ou Ásia, na América Latina ou mesmo na Europa) em que as pessoas que não têm computador, não têm informação para manusear, não têm ligação telefónica que permita fazer isso ou se têm não podem gastar muito.

As pessoas podem ficar escravas desta relação com a internet?

É possível. Mas, mais uma vez, eu acho que podem ficar escravas como podem ficar escravas de qualquer coisa.Há pessoas que também ficam escravas da televisão ou compram três jornais por dia e que lêem de manhã, de tarde e de noite.

Extractos de uma entrevista realizada por Fernando Nunes e José Carlos Santos no programa "Espanta–Pardais" na Rádio Universidade de Coimbra (25/11/99).

Teatro de bolso sempre cheio

E agora Clarice ... ?!

Durante três semanas, o Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) apresentou no seu Teatro de Bolso o espectáculo "E Se ...?!" de autoria e encenação de Tiago Torres da Silva.

No cartaz da peça podia ler–se "um espectáculo para Clarice Lispector". Mas afinal quem é Clarice Lispector? Praticamente desconhecida no nosso país, ainda que com algumas obras publicadas ("Perto do Coração Selvagem", "Laços de Família" ou "Onde Estiveste de Noite"), esta escritora e poetisa ucraniana que passou a maior parte da sua vida no Brasil é, contudo, uma referência da literatura portuguesa contemporânea.

Com este projecto inédito, o TEUC e Tiago Torres da Silva procuraram dar a conhecer Clarice e, tal como é referido no folheto informativo, tentar "uma reaproximação ao Brasil, à cultura brasileira, à nossa forma de expressão oral e escrita".

E como conseguir isso? Assumindo–se como uma experiência teatral que é um "risco natural", "E Se ... ? ! " apoia–se num texto inédito, fruto da pesquisa dos actores e do encenador.

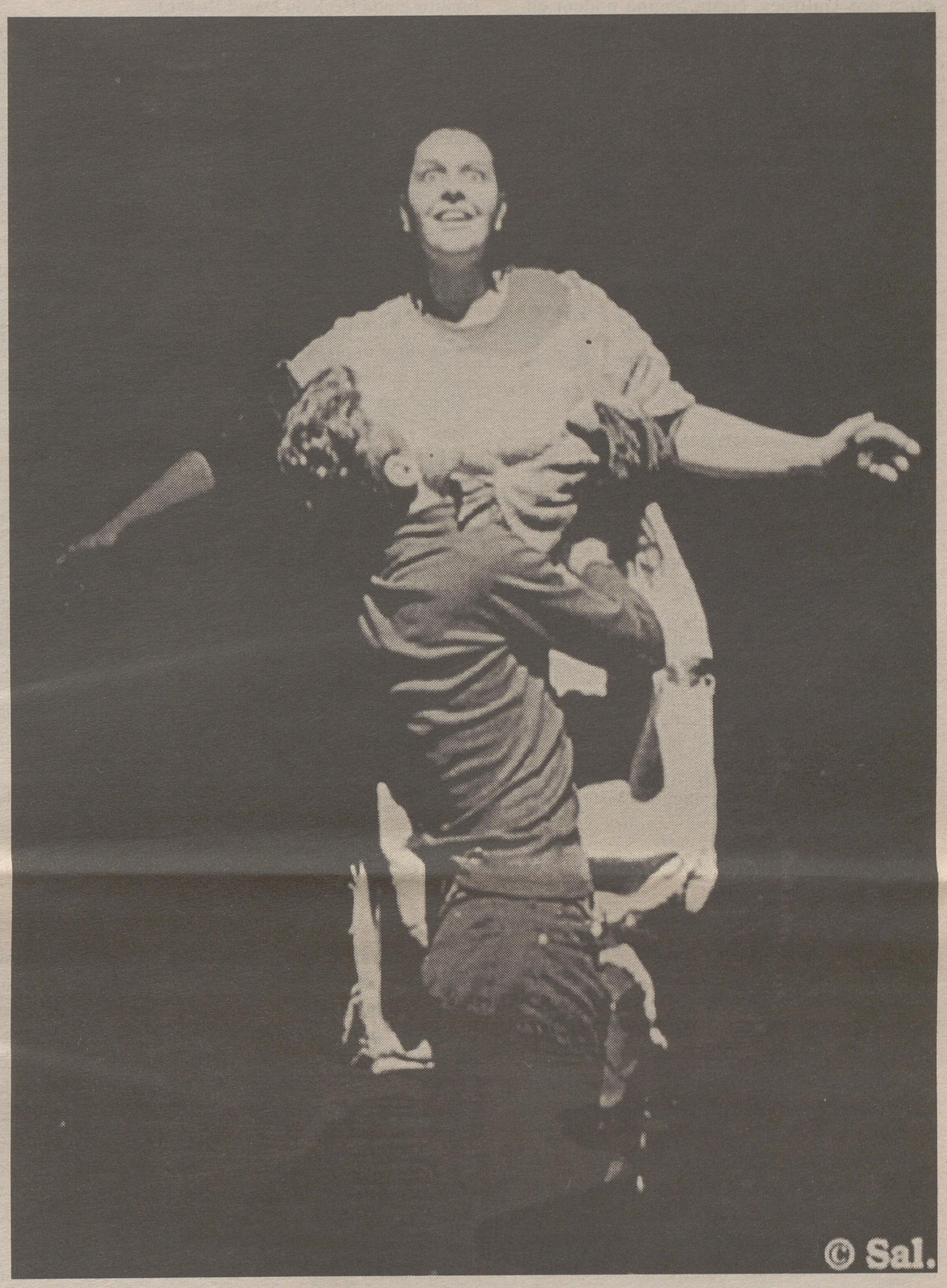
No programa da peça, Tiago Torres da Silva escreve: "Começámos a descobrir risos nas palavras, garagalhadas nos silêncios, começámos a encontrar sentidos na alegria e assim surgiu este espectáculo - "E Se ... ? !" - E se deixássemos todos de ser tão cerimoniosos com as palavras e as tratássemos com o à–vontade que elas merecem?".

Nesta peça cheia de perguntas em que o tema principal é a vida e a condição humana (brinca–se com o anonimato) fica–se a conhecer um pouco de Clarice, suas diferentes perspectivas e modos de estar no mundo.

Partindo de um texto aparentemente desorganizado, os sete actores (Alberto Ferreira, Cláudia Pato de Carvalho, Constança Providência - figura enigmática, Isabel Craveiro, José António Mariz, Paula Joana Barroso e Tiago Gonçalves) lançam–se para um palco escuro dependente de um hábil jogo de luzes e iniciam a busca a Lispector. Aí, o espectador depara–se com uma galinha (viva), Macabea, um espelho, muitas cadeiras e... Roberto Carlos. Tudo conjugado num espectáculo diferente em que o próprio papel do teatro, actores e público é questionado através de um momento final de interacção.

Bem menos interessante em termos textuais que os anteriores "Há Horas do Diabo" e "A Mulher Canhota", "E Se ... ? !" vale pelo facto de dar a conhecer Clarice Lispector e revelar um TEUC bastante inventivo que vem construindo um percurso singular.

João Vaz Silva



Literatura e cinema: que diálogos?

O Romance é uma caixa de ferramentas

Eduardo Prado Coelho, Agustina Bessa–Luís e Mário de Carvalho foram os convidados presentes na conferência sobre "Diálogos entre o cinema e outras artes", no passado dia 11 de Novembro. Desta vez, a arte em questão foi a literatura e o debate teve como moderador Mário Jorge Torres, crítico de cinema do "Público".

Jorge Torres começou por gracejar sobre o epíteto que lhe foi atribuido por António Pedro Vasconcellos (realizador de "Jaime")de "crítico obscuro". Mas num tom mais sério, avançou a ideia de que "há uma intertextualidade eufórica entre o cinema e a literatura de hoje em dia". Cada vez mais se faz filmes baseados em obras literárias e vice–versa. Este aparente "namoro" entre as duas artes já vem desde os primórdios do cinema e foi o ponto de partida desta conferência.

Agustina Bessa–Luís concordou com este ponto de vista e disse que, no seu caso pessoal, houve uma "participação ocasional e fortuita" no mundo das imagens em movimento. Com efeito, o grosso da sua colaboração cinematográfica concentra–se em filmes de Manoel de Oliveira, nomeadamente "Vale Abraão", "Inquietude" e "Party" entre outros. Confessa–se uma "grande espectadora de cinema" mas afirma que, actualmente, ir ao cinema tornou–se uma banalidade e não uma oportunidade para "descobrir a novidade". Daí que questionasse os propósitos sociais do cinematografia actual: "O cinema será uma arte ou será uma indústria?" Quanto ao sucesso das adaptações cinematográficas dos seus livros, alegra–se com facto de nunca ter vista a sua obra ser desvirtuada "como foi o caso de William Faulkner".

Mário de Carvalho teve uma posição mais reflexiva sobre o papel da literatura na origem de filmes-"Será que a literatura trouxe alguma coisa de novo ao cinema?" ; "De que é que se alimenta o cinema?"- eram questões que o perturbavam. No entanto, o que surge como mais angustiante para este escritor é o facto de Portugal não ter uma escola de guionismo que se pudesse renovar de geração em geração. Esta declaração foi o mote para trazer à mesa uma afirmação de Ernest Hemingway: "Vou escrever um livro sobre um filme baseado num livro meu".

Ao contrário do cinema, "a literatura joga com aquilo que não se vê". Esta é a concepção do cinema baseado em obras literárias proposta por Eduardo Prado Coelho. O que é mais importante: "aquilo que se vê ou aquilo que não é visto"? Na mesma linha de pensamento, este colunista prefere a "força literária" de um livro que "por vezes não-passa para um filme". Pode , no entanto, haver sentimentos ou metáforas equivalentes, mas o que realmente transparece na fita fílmica é "o esqueleto, o esquema literário". A magia do cinema, contudo, "reside na escolha de um corpo, um rosto" para encarnar uma personagem cinematográfica. Segundo Prado Coelho, o mesmo não acontece na literatura pois cabe ao leitor imaginar um rosto para uma personagem literária. Assim sendo, uma boa escolha de actores contribuirá para melhorar e credibilizar o desenrolar do filme.

A conferência terminou com uma metáfora de Prado Coelho: "Um grande romance é uma caixa de ferramentas para o cinema". Ou seja, o modo como o realizador transpõe o sentimento do livro para a película é que vai condicionar a qualidade do filme.

Helder Silva Dantas

artes

LIGUE-SE

CyberCabra

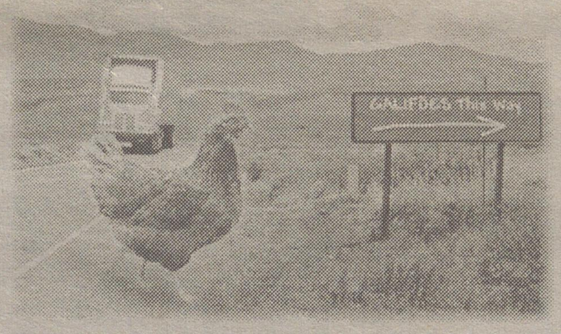
Desta vez percorri as páginas de algumas repúblicas de Coimbra e para minha tristeza a maioria das repúblicas ainda não as tem, ou estão em construção ou então não funcionam. A melhor página que encontrei foi a da República dos Galifões. Nesta página podem encontrar para além do historial da casa, os nomes dos antigos Galifões, fotos da república e centenários. Mas a melhor parte deste site são os textos de veracidade duvidosa acerca do pessoal que actualmente habita aquela casa e ainda "As Odisseias Sexuais do Padre Maciel".



Passo agora ao Solar do 44. Aqui também se encontram algumas informações sobre a república, o Jornal do 44 e algumas fotos, mas o melhor são as frases de parede onde se encontram grandes calinadas da autoria dos próprios républicos, ficando aqui uma amostra: "Um gajo para comer tem que se alimentar".

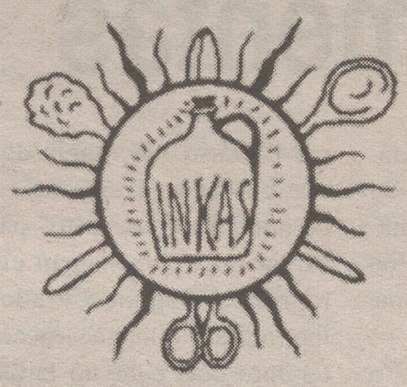
A República dos Inkas tem uma página mais ou menos no mesmo formato das repúblicas mencionadas anteriormente.

Quanto ao site da Real República Spreit–Ó–Furo já não lhe são feitas alterações desde o ano passado (mas pelo menos existe), feito este que só é superado pela página da AAC



que se mantém na mesma desde os tempos de Tó Silva, ou seja, desde 1997. Talvez com o novo presidente ela seja alterada em vez de ser apenas um monte de zeros e uns esquecidos no disco de um servidor qualquer contribuindo apenas para aumentar a confusão na NET e para atrasar linhas telefónicas!

Rui Alves



República dos Galifões
http://alumni.dee.uc.pt/~moutinho/galifoes/

Solar do 44
http://dsg.dei.uc.pt/solar44/

República dos Inkas
http://dsg.dei.uc.pt/inkas/

Real República Spreit–Ó–Furo
http://www.interacesso.pt/web/spreita/

AAC
http://www.mat.uc.pt/~aacwww97/

OUVE-SE

Ben Harper & The Innocent Criminals

"Burn to Shine" - Virgin records America, 1999

Num universo musical em que os artistas, após meia dúzia de bons temas, tendem a cair num decadentismo rotineiro, Ben Harper consegue ser um dos poucos que se irsurgem contra este "quase natural" estado das coisas (lembremos ainda Beck ou David Bowie).

Pleno de inovação e originalidade, desde que o seu génio foi reconhecido e abraçado pela máquina da indústria discográfica norte–americana (e depois europeia), Ben Harper nunca se deixou submergir por ela e por todos aqueles mesquinhos e redutores interesses, inevitáveis peças da engrenagem do sistema.

Assim, em Harper, encontramos uma permanente renovação e reinvenção dos esquemas tradicionais da música norte–americana de raiz negra e uma transposição da mesma para a actualidade, que é também a sua forma de encarar o mundo.

Em "Burn to Shine", espiritualidade e intimismo são o resultado e expressão máxima de toda uma versatilidade criativa que se espelha, por exemplo, na marcha inicial de "Alone", na acolhedora religiosidade de "Two Hands of a Prayer", na envolvência musical de uns Roaring Twenties - patente em "Suzie Blue" -, ou num arrastado sentimento introspectivo que faz de "Beloved One" uma das melhores faixas do albúm. O tema que dá nome ao trabalho é, por si só, uma sinopse deste: um Blues electrizante que predomina sobranceiro sobre todas as faixas, com rasgos de intensa personalidade (a Weissenborn em toda a sua plenitude).

Ben Harper é, actualmente, a alma da América negra, e tem na sua voz o clamor dos navios negreiros e os cânticos entoados nos campos de algodão do sul; o sofrimento e dor dos grilhões da escravatura e da opressão e, simultaneamente, a alegria, o sentimento de libertação. A sua música é um todo feito de múltiplos sons - uns lentos e arrastados, outros soltos e plenos de movimento. Ouçam!

Filipe Vicente
Tiago Marques



Beck - Midnite Vultures (Geffen, 1999)

"O Funk é memo bom!"

Beck is back! Este era um dos regressos mais aguardados no meio músical já que, na verdade, Beck tem sido cotado como um dos mais importantes músicos dos anos 90. Assumiu desde cedo as suas raízes de pop/folk/country e cresceu a desenvolver diversas sonoridades entre o funk e o hip hop, conseguindo o sucesso por via do "hit" "Looser" e alcançando as melhores críticas do mundo com o revolucionário "Odelay".

Depois de um período bem mais calmo, onde a introspecção e o conforto do lar o levaram a compor baladas lindíssimas lançadas em "Mutations", chegou a hora de desenvolver o trabalho que havia começado em "Mellow Gold" e continuado no já citado "Odelay".

"Midnite Vultures" é um disco "à Beck", onde a ironia e a desconstrução sob o signo do funk e da soul são os pontos de partida para um disco que tem, à priori, pontos altos no single de apresentação "SexxLaws"e em "Broken Train", tendendo a assumir–se como um disco em si, recusando o imediatiasmo e não se fazendo rogado a excertos mais experimentalistas.

Prince é uma referência, Caetano Veloso o ídolo e os Dust Brothers colegas de trabalho. O funk está em todo o lado, os Kraftwerk devem ter andado pelo gira discos nos últimos tempos (oiça–se "Get Real Paid") e o rock`n`roll está aí para as curvas.

O trip hop, que bem podia vir de Bristol, aparece ao lado do hip–hop "made in MTV", em "Hollywood Freaks". As guitarras a lembrar Primal Scream abrem "Peaches & Cream", o rock do fim do milénio descobre algumas pistas em "Milk & Honey" e "Pressure Zone" e "Beautiful Way" é uma balada de despedida anunciada, como quem diz "Desculpa lá miúda, mas eu sou bom de mais para ti". A fechar o disco não podia faltar "Debra", onde a escola de Prince sobressai descaradamente.

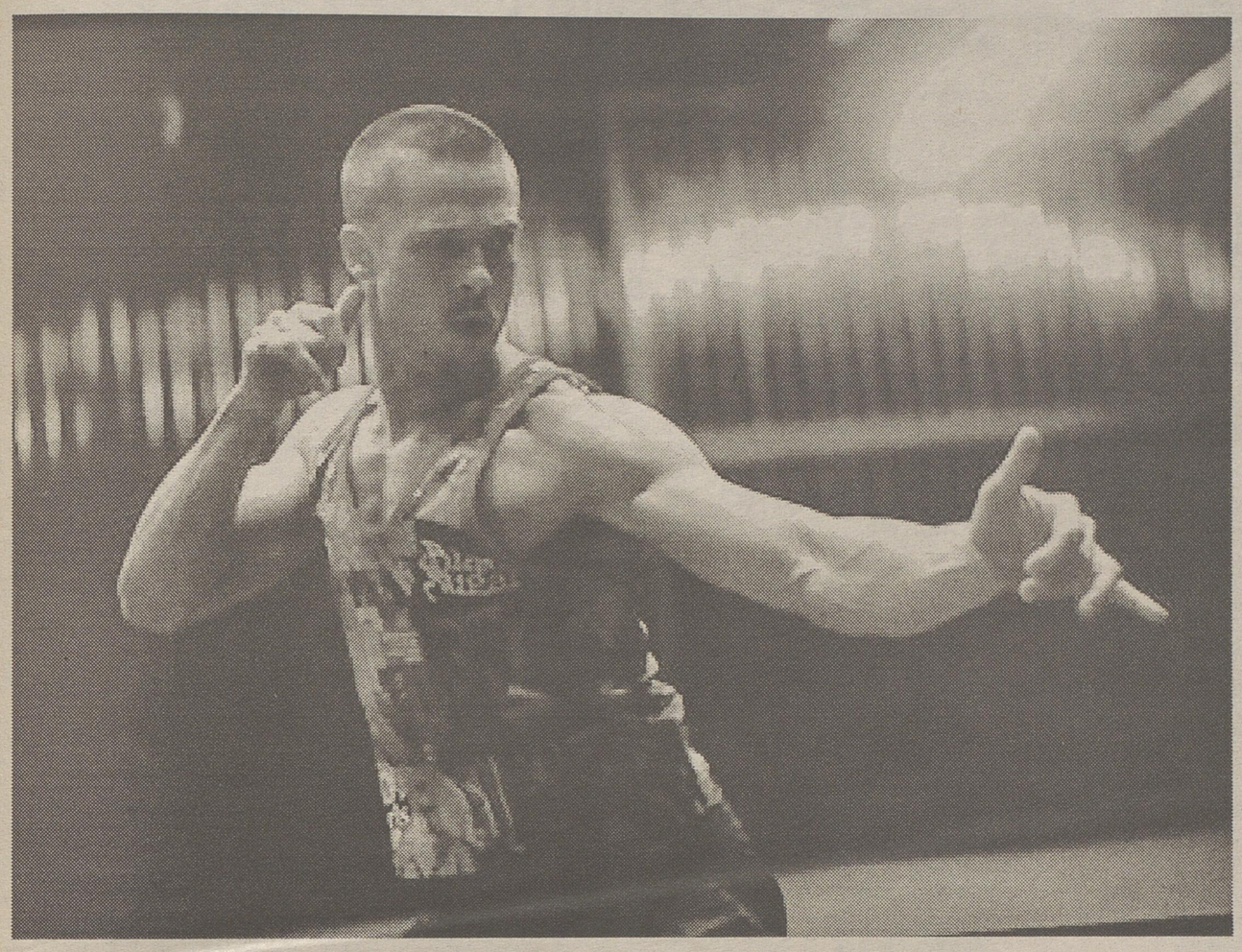
O menino bonito da indústria discográfica volta a dar cartas e continua com o poker preparado debaixo da mesa. Beck é das poucas pessoas na música que parece ter uma fonte de inspiração inesgotável. Tem uma via verde para a auto estrada do estrelato à sua frente e, felizmente para a nossa sanidade auditiva, continua a fazer rotundas em estradas secundárias.

Hugo Ferreira



feitas

VÊ-SE



"Clube de Combate"
1999 ; David Fincher

Um dos filmes mais aguardados para este Outono é "Clube de Combate" ("Fight Club" no original). É protagonizado por Edward Norton ("América Proíbida"), Brad Pitt ("Sete Pecados Mortais"), Helen Bonham Carter e Meat Loaf e realizado por um dos mais polémicos realizadores americanos dos últimos tempos David Fincher. Tal como nalguns dos seus anteriores filmes, "Sete Pecados Mortais" e "O Jogo", Fincher roda num ambiente sombrio, sujo e citadino.

O filme baseia–se no romance homónimo escrito por Chuck Palahniuk que está a ter um relativo sucesso por todo lado. O título do filme é retirado de uma sociedade secreta com duas regras essenciais: a primeira é "Não se fala de Clube de Combate " e a segunda também é "Não se fala do Clube de Combate".

Edward Norton é Jack, um "yuppie" cuja existência é "preenchida" pela compra de roupas de marca e mobílias de catálogo. Porém, é uma rotina que o asfixia e destrói, levando-o ao desassossego da insónia. Na sua busca pela eutimia, frequenta grupos de entreajuda usando nomes falsos como que à procura de uma identidade própria. É num destes grupos que encontra Marla Singer (Helen Bonham Carter), uma personagem perturbada, chaminé ambulante, viciada em grupos de entreajuda. Contudo, a sua vida faz uma viragem de 180º.

Ao conhecer (ou será que inventa?) o carismático e anarquista Tyler Durden (Brad Pitt), encontra a luz ao fundo do túnel, um objectivo para a sua vida. Avançando uma teoria freudiana sobre a origem desta personagem, será que Durden é a encarnação de todos os recalcamentos e pulsões frustradas de Jack? Mesmo assim, vão empreender uma viagem ao imo da autodestruição e da violência, para se redimirem e se sentirem completos.

O filme funciona como um veículo de contestação social em que os intervenientes pelejam contra as vontades hegemónicas da indiferença, o consumismo materialista e o narcisismo de uma sociedade contemporânea, tendo como temas subjacentes o sadomasoquismo e o niilismo. Com uma banda sonora feita pelos Dust Brothers, Fincher expõe excelentes imagens de síntese a par de grandes planos que harmonizam a sua arquitectura audiovisual habitual.

Helder Silva Dantas

LÊ-SE

Fritz Lang
As Folhas da Cinemateca

A par da divulgação e conservação cinematográfica a Cinemateca–Museu do Cinema tem vindo a editar uma série de cadernos ,"As Folhas da Cinemateca", colectâneas dos textos que habitualmente acompanham a exibição. Fritz Lang, Fellini, Eisenstein ou Hitchcock são alguns dos títulos disponíveis.

Nome cimeiro do Expressionismo Alemão, com Fritz Lang, a par de Murnau e Ruthman, o cinema como Arte acede a uma linguagem específica. Mudo, a sua eloquência é a da imagem; a sua eficiência é a da montagem, considerada uma das Belas Artes.

Nascido em Viena no ano de 1890 numa familia da alta burguesia recebe uma grande formação cultural. Sua paixão pela pintura, tendo por modelos Klimt e Egon Schiele, levam–no a abandonar o curso de engenharia. Após um périplo que o leva pela Europa, Norte de Africa e Turquia descobre em Paris o cinema, tomando consciência do nascimento de uma nova arte.

Começando a filmar em 1919, atinge o primeiro sucesso com Doutor Mabuse (1922) alvor do expressionismo e do "demonismo"(claro–escuro) é também ponte para o realismo e para o filme negro americano. Primeira obra em que a Alemanha encara o seu pós–guerra foi uma referência de Welles e Eisenstein. Imperdíveis e intemporais são também Os Nibelungos, obra–prima em dois actos, canto épico sobre Siegfried no universo mitológico germânico culminando num drama intenso em imagens de apocalipse e caos que só nos filmes de Kurosawa se voltará a encontrar. Metropolis, futuro hipotético descrevendo um mundo maniqueísta em plena luta pelo poder, "o mais maravilhoso livro de imagens" segundo Buñuel, e M (Matou) premonição do que estava para vir, o que Bergman chamou no seu filme sobre os anos pré–nazis "o ovo da serpente", uma meditação sobre a inanidade da culpa e o absurdo da justiça.

A carreira de Lang vai–se consolidando até 1933, ano de O Testamento do Dr.Mabuse, filme anti–nazi e proibido. Paradoxalmente é convidado por Goebbels para dirigir o cinema alemão. Hitler tinha visto em Metropolis todo o potencial para a criação do cinema nacional–socialista. Foge no próprio dia, encerrando assim o apelidado "periodo alemão", e de Paris é chamado para Hollywood pela MGM iniciando o seu "periodo americano".

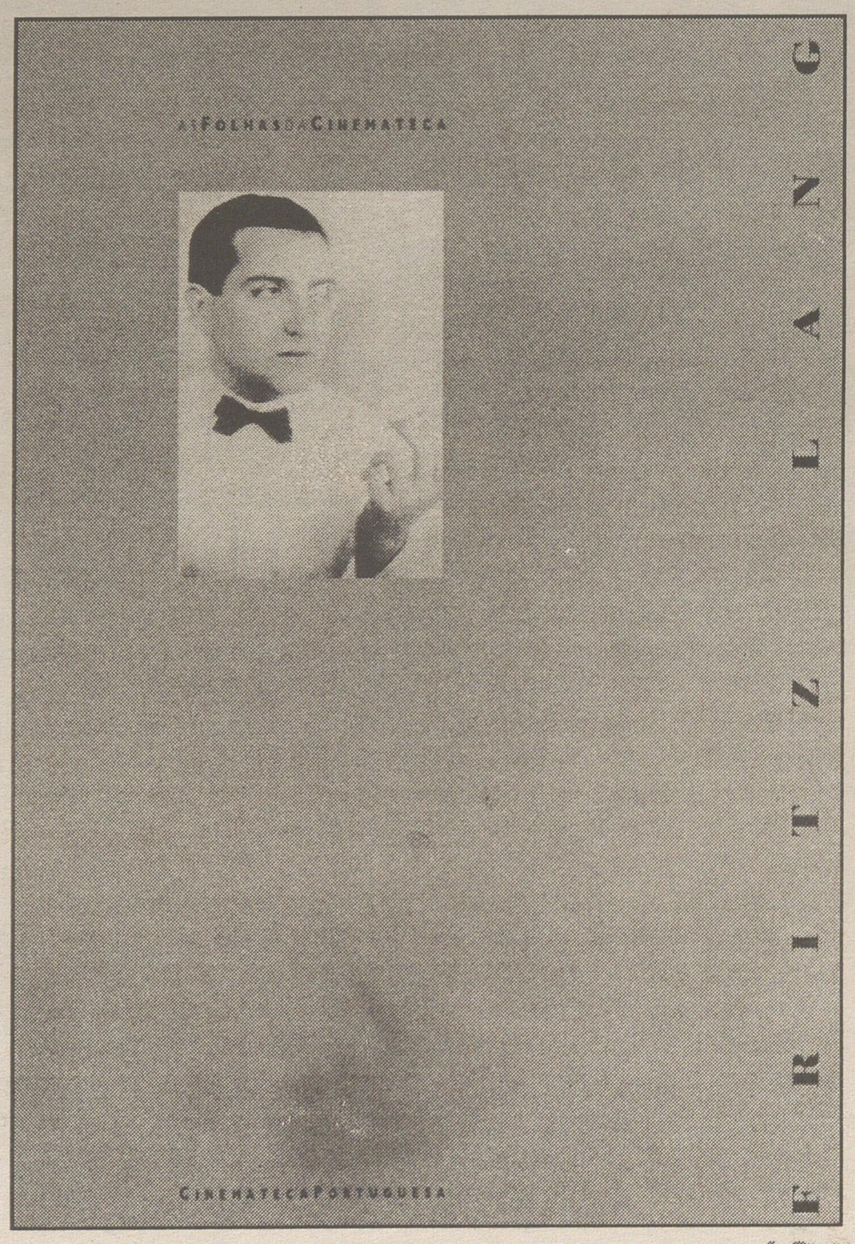
Por entre os espartilhos financeiros e a censura governamental nos primeiros anos da ll Guerra, Lang filma uma "trilogia social"(Fury,You Only Live Once e You And Me) e aborda o "western" em Return Of Fuck James e Western Union, debruçando–se sobre o país que o acolheu. Só em 41 pode filmar contra Hitler em Man Hunt, Hangmen Also Die , Ministry of Fear e Clock and Dagger.

Doravante a carreira de Lang prossegue em "velocidade de cruzeiro" filmando regularmente e fazendo um esforço para conciliar temas pessoais com imposições financeiras. Na segunda metade da década de 50 a geração dos "Cahiers" reabilita a sua obra americana , tida como secundária, vindo a ser consagrado em Le Mépris, de Jean–Luc Godard, sua última participação cinematográfica, interpretando o seu próprio papel. Morre em Beverly Hills no ano de 1976 com 85 anos de vida.

Eminentemente política, é a crise da civilização e a necessária conversão individual e colectiva como motes, em toda uma nova poderosa estética com o jogo de luz e de sombras, um certo gosto pelo ornamental, a deformação das perspectivas, a interpretação um tanto exaltada dos actores, a utilização de jogos de óptica...

Fritz Lang -As Folhas da Cinemateca . Ainda que iniciática constitui uma excelente incursão na vida e obra de um artista maior.

Daniel Marinho Pires



Enclave

Depois de uma digressão nacional e internacional o Teatro Regional da Serra de Montemuro, companhia subsidiada pelo Ministério da Cultura, regressa a Coimbra com o seu último espectáculo "Enclave". Esta nova producão parte de um texto original da autoria de Peter Cann e Therese Collins. Estes dois dramaturgos têm acompanhado e feito parte da realidade do Grupo desde a sua criação e inspiraram–se em duas lendas antigas: a lenda de Viriato e a história do País de Gales de Wild Edric. Com a encenação de Steve Johnstone e cenografia de Sue Hall, este espectáculo reúne, na tradição do teatro do Montemuro, fortes emoções, surpresas visuais e os ritmos do coração da Serra. Tudo isto na Capela do Museu Machado de Castro, dias 2 e 3 de Dezembro por volta das vinte e uma horas.

Guilherme Oliveira

Cooperativa de Habitação

No passado dia 28 de Outubro foi celebrado pela Cooperativa de Habitação Estudantil o contrato de compra e venda do edifício situado na Rua Matoso (antigas instalações da ARCA), estando a escritura pública agendada dentro de um prazo de trinta 30 dias.

Apesar da publicação em Diário da República dos estatutos desta Associação datarem de 1996, só agora foi viável realizar o contrato, possibilitado com a verba proveniente das receitas das propinas, que o Senado destinou para a compra da almejada casa. O Fundo de Apoio ao Estudante irá auxiliar este projecto financiando a remodelação da futura habitação, e será futuramente pedido à Banca um empréstimo, apresentando o Ministério da Educação como fiador. Prevê–se que esta "República dos dias de hoje" se encontre habitável ainda este ano lectivo.

GO

Espaço Cultural

Realizou–se na Terça–feira 16 de Novembro, no Clube das Patelas, na Conchada, um debate organizado pela República do Bota–Abaixo. A iniciativa teve como objectivo discutir a constituição de uma plataforma que exija aos poderes universitário, autárquico e local a criação de um local destinado a receber as propostas sócio–culturais produzidas pela Academia ou por outras entidades que lhe são próximas.

Estiveram presentes, entre outras pessoas ligadas a diversos organismos da AAC, Hugo Capote e os representantes das três listas concorrentes à DG. Os responsáveis por esta iniciativa propuseram a aquisição do quartel de bombeiros da Av. Sá da Bandeira, um espaço de propriedade municipal muito próximo da AAC, e que contribuiria para fazer face ao estrangulamento espacial que neste momento enfrenta a Academia. Tudo dependerá, porém, de se conseguir cativar o poder autárquico e conquistar a simpatia da Câmara Municipal, cuja responsabilidade relativamente à criação de espaços deste tipo tem vindo a ser substituída pela própria AAC ao longo dos tempos, o que confirma o papel de motor da sociedade civil que cabe à Academia na cidade de Coimbra.

A República do Bota–Abaixo tenciona marcar uma nova reunião para continuar a discutir esta proposta ainda antes do Natal, de forma a dar continuidade a esta ideia.

CS



A Latada 1999 chegou ao fim. Durante uma semana Coimbra foi animada pelas várias iniciativas ligadas à festa e pelas inevitáveis noites de concertos, inundadas de som e animação.
Para trás ficaram sete dias de folia e de festa que, para muitos, serviu para abrir as portas para um novo ano escolar enquanto que, para outros foi a recepção para o que se perspectiva uma nova etapa. Apesar das longas noites do pavilhão universitário, milhares não deixaram de marcar presença no cortejo que levou os muitos caloiros e doutores desde a porta férrea até à portagem onde foi feito o habitual baptismo dos recém chegados. Por agora, resta olhar para as fotos que são expostas aqui e ali, começar a estudar e, para os mais nostálgicos, esperar pela chegada da Queima das Fitas.

As Conversas de Jacques

Como consequência da enorme afluência de público, "A Escola da Noite" decidiu repôr a sua vigésima produção "Jacques e o seu Amo", de Milan Kundera.

A par desta nova série de espectáculos de 1 a 11 deste mês (de quarta a sábado, às 21:30), a companhia de Coimbra promove igualmente um conjunto de quatro "Conversas ao fim da tarde" nos dias 2-3 e 9-10 às 17:30.

Coordenadas por António Pedro Pita, as conversas poderão contar com diversos convidados entre os quais Eduardo Prado Coelho, Fernando Mora Ramos, Carlos Fortuna e a própria encenadora Sílvia Brito. Serão discutidas algumas questões relacionadas com o tema da peça e com o teatro em si. Tudo no Pátio da Inquisição.

JV

Estatuto Jurídico da Lusofonia

A Faculdade de Direito de Coimbra e o Instituto IUS GENTIUM CONIMBRIGAE levam a cabo , nos próximos dias 9 e 10 de Dezembro, um colóquio sobre o "Estatuto Jurídico da Lusófonia". Esta iniciativa, patrocionada pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, vai ter lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra., abrangendo temas como "Turista Lusófono, Cidadão Lusófono ou Trabalhador Lusófono", "Liberdade de profissão ou privilégios de ricos" ou ainda "Estatuto jurídico sem protecção judicial?". Para mais informações pode–se contactar via telefone através dos números 239859801/2, por fax pelo 239823353 ou por e–mail para RSaraiva@fd.uc.pt .

GO

Festa do livro de Coimbra' 99

A Casa Municipal da Cultura serve presentemente de palco à VI Festa do livro de Coimbra, iniciativa de promoção da leitura organizada pela Interlivro com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra. A maior e mais antiga iniciativa de saldos de livros do país, que envolve ainda um ciclo de conferências, debates, encontros com autores e espectáculos, teve início no passado dia 17 e prolongar–se-à até 21 de Dezembro, de Segunda a Sábado das 10:00 às 20:00. Aos Domingos, ainda poderás visitar este grande mercado do saldo literário a partir das três da tarde até às oito horas da noite.

GO

